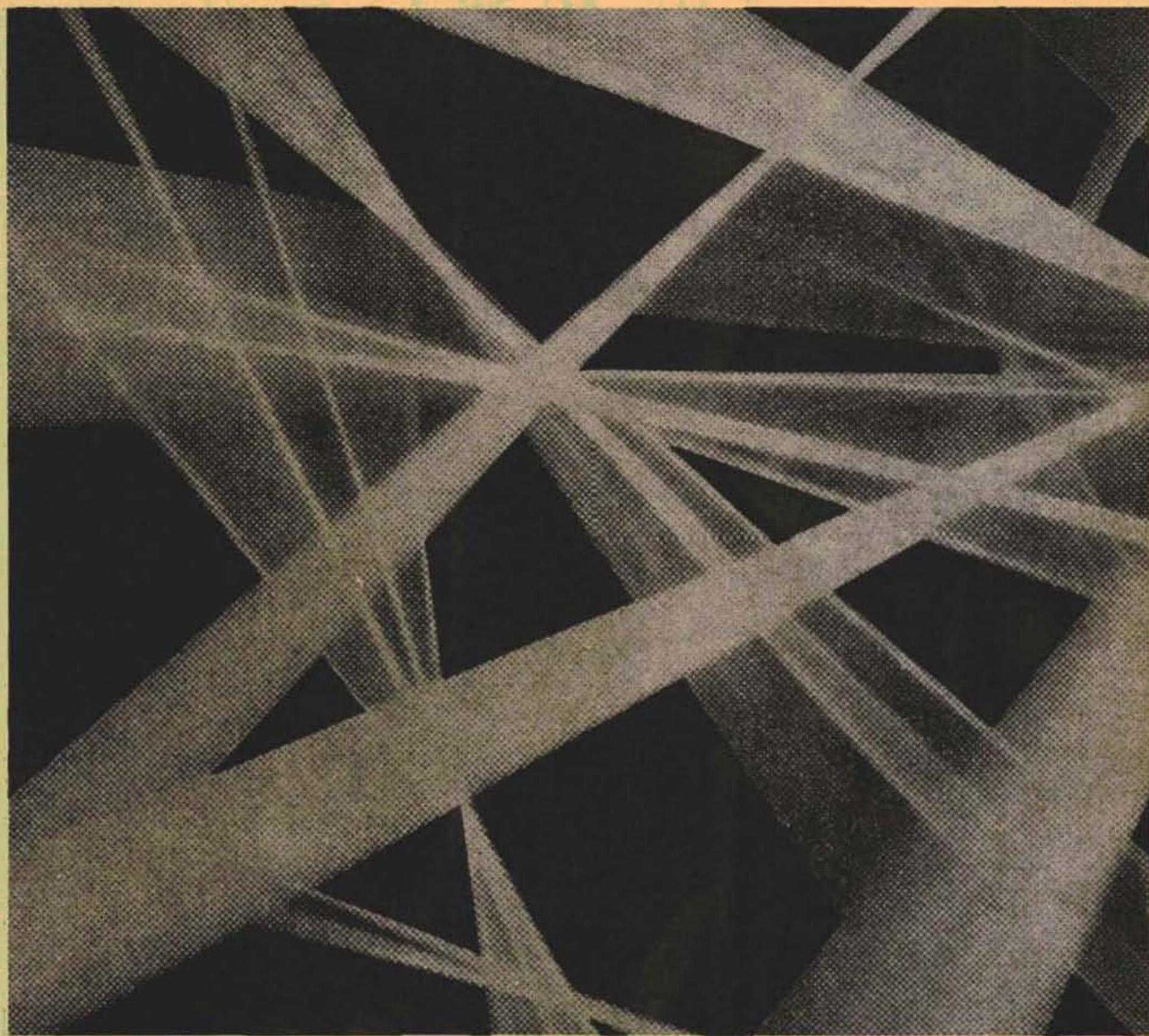


# CONVERGÊNCIA

Setembro — 1971 — Ano IV — N.º 38



A ORAÇÃO  
É VITAL  
PARA  
O HOMEM

PAPA  
FALA AOS  
MONGES

VOCACÕES:  
EM MINAS  
E NA  
ESPANHA

**CONVERGÊNCIA** — Revista da  
C. R. B.

**Diretor-Responsável:**  
Frel Constâncio Nogara

**Redator-Responsável:**  
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:  
Av. Rio Branco, 123 — 10.º andar  
Rio de Janeiro (ZC-21) GB  
Enderço telegráfico: Conferência  
Rio

**Assinatura para 1971:**

Brasil	Cr\$ 25,00
Exterior	US\$ 10,00
Avulso	Cr\$ 2,50

Os artigos assinados são da respon-  
sabilidade pessoal de seus autores.

**Composição:** Compositora Helvética  
Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173 —  
Rio de Janeiro — GB.

**Impressão:** Oficinas Gráficas da  
Editôra VOZES Ltda., rua Frel Luís,  
100 — Petrópolis, RJ.



## SUMÁRIO

<b>EDITORIAL</b> .....	1
<b>VIDA RELIGIOSA, CONVERSÃO RADICAL</b> .....	2
Paulo VI, em sua visita ao Mosteiro de Sublaco: "embora sem solenidade oficial, prestamos homenagem ao testemunho evangélico que a vida religiosa dá à Igreja e à sociedade profana."	
<b>ORAÇÃO LITÚRGICA, Ir. M. Hildegardis, OSB</b> .....	5
◆ Encontro com Deus na sua Palavra. ◆ Encontro com Deus em comunidade. ◆ Sua dimensão: pessoal, comunitária, eclesial.	
<b>VOCAÇÕES ECLESIASTICAS</b> .....	10
No presente e no futuro. Os jovens exigem autenticidade e união da Igreja, de modo particular entre os que são testemunhos privilegiados dela: Bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas. Pela volta aos valores evangélicos, a Igreja tornará a ser descoberta e os jovens ouvirão os chamamentos.	
<b>ORAÇÃO, DIÁLOGO COM DEUS, Mariano Costa Rêgo, OSB</b> ....	15
Um mínimo de fé, esperança e caridade, tríplice dimensão teológica básica, é indispensável para se poder rezar. É preciso acreditar no que não se vê, para experimentar o impulso da oração.	
<b>VIDA RELIGIOSA E MISSÃO, Dom Giocondo Marla Grotti</b> .....	19
A entrevista de Dom Giocondo, Primeiro Vice-Presidente da Comissão Episcopal da Regional Norte-1, falecido tragicamente em 28-9-1971.	
<b>IGREJA NO MUNDO</b> .....	23
◆ Minas e Espírito Santo investigam o Ministério Sacerdotal entre os seus presbíteros e concluem que, na busca das soluções, nesta hora crucial, a Igreja pode contar com a disponibilidade generosa de quase todos. ◆ O Clero e os Seminários na Espanha. Tensões, Problemas, Esperanças. A Igreja na Espanha tem realizado um ingente esforço para perscrutar os sinais dos tempos e perceber os fenômenos que afetam a vida religiosa.	
<b>ALGUMAS ORAÇÕES</b> .....	4, 9, 14, 32
Do livro "As Mais Belas Orações de Todos os Tempos."	

**R e z a r ?**

Ficar longo tempo de joelhos?

Três a quatro vezes por dia?

Como soa tudo isto aos ouvidos do homem secularizado? E dos Religiosos?

A história faz seu caminho. Repete-se. Cada homem tem uma vivência profunda, pessoal e original dos fatos, com uma sensação de auto-suficiência. Isto poderá ser mais acentuado hoje. Mas sempre existiu.

O homem sente-se tentado a pôr Deus de lado porque êle nos incomoda, nos questiona, nos obriga a caminhar, nos obriga a olhar nossa limitação, nos prova que realmente não somos auto-suficientes. Êle é sempre o Senhor e Pai. E nós, os filhos.

Nossa susceptibilidade reage?

Abrimos o nôvo caminho que conduz ao vazio. Quando menos esperamos, Deus nos surpreende na curva da estrada. Ou quando entramos no silêncio de nosso interior, Deus aí está à espera, como um amigo de longa data.

Podemos lhe falar em qualquer língua, com as palavras que encontramos, com o jeito e a sabedoria que temos. E Deus nos compreende. Isso é rezar. Fácil? Depende. Êle nos aceitará como somos. Mas quer conhecer a casa tôda.

Deus, certamente, nos proporá modificações. E estas nem sempre nos agradam. Ê, no entanto, o preço da transparência do diálogo com Deus. Os Religiosos de hoje rezam? Sem dúvida. De outro modo de outrora. Em outro horário.

Creio, no entanto, que nós Religiosos somos chamados a testemunhar ao mundo que nosso grande amigo e senhor é Deus. Isto sobretudo pela oração. Se vivemos ou não em mosteiros, em grandes ou pequenas comunidades, é secundário.

Neste número de CONVERGÊNCIA temos o testemunho de duas pessoas contemplativas sôbre a oração: Ir. Hildegardis e D. Mariano. E também o testemunho de um bispo, Dom Grotti, cheio de zêlo apostólico, que semeou sua vida pela Amazônia, morrendo trágicamente no Acre. Foi sua suprema oração ao Senhor.



**EDITORIAL**

**Frei Constâncio Nogara**

Rezar pelo bom êxito do Sínodo dos Bispos de outubro, prestar homenagem ao testemunho evangélico que a vida religiosa dá à Igreja e à sociedade, passar uma hora de repouso espiritual nas fontes da espiritualidade beneditina, foram os três motivos que inspiraram a visita feita por Paulo VI, na tarde do dia 8 de setembro, a Subiaco, onde São Bento fundou o primeiro mosteiro do monaquismo ocidental. O Papa chegou à Santa Gruta às 17,30 horas. Foi recebido pelo abade de Subiaco, Dom Egídio Gavazzi e por cerca de 50 monges. Recolheu-se, alguns instantes, em oração, diante do altar e imediatamente depois dirigiu a palavra aos presentes, conforme segue.

## VIDA RELIGIOSA: CONVERSÃO RADICAL

Chegamos, felizmente, a Subiaco! Os motivos que Nos levam a visitar êste Mosteiro são três:

O primeiro é o desejo de Nos dessedentarmos, embora só por breves instantes, nesta fonte de espiritualidade. Antes de Nós, no decurso dos séculos da sua fundação, vieram aqui Pontífices, Nossos Predecessores, Santos, entre os quais se conta S. Francisco de Assis, aqui representado, príncipes, artistas, homens de ciência e homens que andavam à procura de Deus e de si próprios; vieram aqui inúmeros discípulos da **dominici schola servitii**, para ouvir o mestre S. Bento.

### Consolação espiritual

Também Nós aqui viemos para gozar, durante alguns momentos, desta bem-aventurada atmosfera, em que vive o silêncio, fala a oração, vige a penitência, arde a caridade e domina a paz. Viemos para Nos sentir invadido pelo fluxo corroborante da tradição mística e ascética da santa Igreja Católica, fielmente guardada e incessantemente renovada, neste lugar, pela profissão monástica.

Viemos para Nos deter, alguns breves momentos, em intensa oração, a qual parece ter aqui a sua privilegiada habitação e a qual a premente fadiga do Nosso ministério apostólico Nos faz desejar ardentemente. Viemos aqui para fortificar a Nossa esperança e a Nossa alegria na Cruz de Cristo e para, mais uma vez, o sentir interrogar-Nos, se, realmente, O ama-

mos, ousando Nós, especialmente neste oásis de verdade e caridade, responder-Lhe que sim; mísero como somos, amamo-Lo.

Viemos, ainda, para ouvir a Sua voz, doce e potente, impor-Nos o dever de O representar, por Sua virtude; segundo o Seu exemplo, como pastor, irmão e servidor do Seu imenso rebanho eleito, a Sua única e santa Igreja. E parece-Nos que, neste lugar, a voz de Jesus ressuscitado ressoa, para Nós, na grave e suave voz do santo aqui venerado: **Obsculta, o fili, praecepta magistri**. Viemos, portanto, para gozar de uma hora de consolação espiritual; reconfortar a Nossa responsabilidade e corroborar a Nossa confiança na única virtude válida, a graça do Senhor.

E viemos para saudar, no Senhor, o venerando Abade Dom Egídio Gavazzi, ligado a Nós por gratas e longínquas recordações e sentimentos comuns, digno sucessor do falecido Abade Dom Salvi, e suave reflexo de uma singular e radiosa figura de Monge Sublacense, o sempre saudoso Abade Dom Emanuel Caronti, um dos primeiros mestres do renascimento litúrgico na Itália, monge verdadeiramente sábio e exemplar, na harmônica fusão da vida interior com a ação exterior, sempre fiel à fórmula incomparavelmente sintética e fecunda do programa beneditino: **ora et labora**.

E também queremos que a Nossa oração seja extensiva à veneranda e fervente comunidade religiosa do Mosteiro de Santa Escolástica e da Santa Gruta, com os seus monges e

## VIDA RELIGIOSA:

- ◆ Resposta plena e incondicional
- ◆ Renúncia heróica e libertadora
- ◆ Profissão pública de um gênero de vida
- ◆ Oferta total de si
- ◆ Prelúdio escatológico de uma felicidade sem fim.

leigos, que têm aqui o seu centro, e de onde difundem o nome e o espírito de São Bento pela Itália, pela Europa e pelo mundo.

### Homenagem à vida religiosa

Pretendemos, assim, embora sem solenidade oficial, mas com a maior simplicidade e espontaneidade, prestar homenagem ao testemunho evangélico, dado à Igreja, e também à sociedade profana, pela vida religiosa. Portanto, ao fazer esta visita a um mosteiro, que, durante séculos, tem professado fiel e exemplarmente a regra de São Bento, reconhecemos novamente a importância e a função da mesma vida religiosa, o que manifestamos com a recente publicação de uma Exortação Apostólica, que certamente conheceis muito bem.

A vida religiosa:

É a conversão radical à retidão e à santidade do conhecimento do Deus vivo, da comunhão e do colóquio com Ele.

É a resposta plena e incondicional à vocação de Cristo, que chama e elege de muitos modos.

É, portanto, a renúncia heróica, e libertadora de qualquer obstáculo, embora seja constituído por bens legítimos, em favor da prioridade e da exclusividade do seu amor.

É a conseqüente profissão pública, aprovada e apoiada pela Igreja, de um gênero de vida dedicada a uma perfeição progressiva; é a escolha de uma comunidade de irmãos, todos guiados pelo carisma de um inspirado e excelente intérprete dos caminhos do Senhor.

É a oferta total de si ao serviço de Deus e às necessidades alheias.

É, assim, o prelúdio escatológico da bem-aventurança eterna.

Se é esta a vida religiosa, nela a Igreja poderia deixar de se encontrar a si própria, numa expressão particularmente fiel e exemplar? Poderia deixar de a louvar e promover?

Isto, para Nós, é muito mais fácil neste Santuário, onde as formas próprias e as virtu-

des características das regras de São Bento fazem, só por si, a apologia da vida religiosa: a vossa constituição, fundada no exercício paterno da autoridade, no exercício fraterno da convivência e no exercício filial da obediência; o vosso silêncio e a vossa oração; a vossa operosidade intelectual e manual; a vossa austeridade e a vossa simplicidade; a vossa clausura e a vossa disponibilidade perante o pobre e o hóspede, como se fôsem Cristo; o vosso estilo beneditino, simultaneamente humilde e distinto, segundo a estética do espírito: tudo isto revela que a vossa longa história ainda é atual e viva, podendo tornar próprio o grande esforço de renovação do recente Concílio.

### Orações pelo Sínodo

Por isso, estamos hoje aqui, para vos louvar, encorajar e confortar. Mas não é tudo: a Nossa vinda a Subiaco tem caráter de peregrinação. Viemos para venerar e invocar São Bento, a fim de proteger e assistir a Santa Igreja, na hora, que se aproxima, do Sínodo Episcopal. Vós tendes conhecimento de tudo isto; portanto, podeis imaginar como é importante que o Espírito Santo guie a Igreja com a Sua luz e as Suas graças; que Ele lhe infunda consciência clara dos próprios deveres, segundo a vontade de Cristo, e lhe dê compreensão das necessidades próprias destes tempos. Por isso, Nós, depois de têmos invocado a materna assistência de Maria Santíssima, cuja bem-aventurada natividade hoje festejamos, e depois de têmos pedido a assistência de São João, São José, São Pedro e São Paulo, assim como a de todos os outros habitantes do céu, dirigimos aqui a Nossa oração a São Bento e a Santa Escolástica, para que estes grandes Santos façam com que a Igreja sinta a eficácia e o conforto que, precisamente, consiste na comunhão dos Santos.

E vós, filhos e seguidores do Santo, na terra privilegiada onde teve início a sua missão em favor da Igreja, do mundo e da civilização cristã, acompanhai-Nos sempre na oração, no serviço, no amor a Cristo Senhor, e, com Ele, uni-vos à Sua Igreja, fatigada e confiante peregrina no tempo, a caminho do eterno encontro.

Damo-vos a Nossa Bênção Apostólica.

## DESEJO DE DEUS

*Javé, tu, meu Deus  
Estou à tua espreita.  
Minha alma tem sede de ti.  
Por ti suspira meu ser,  
como a terra ressequida,  
deseja a água refrescante.  
Assim espero ver no santuário  
teu poder e tua glória.  
Mais vale para mim tua graça  
do que minha própria vida.  
Quando te louvo, com júbilo,  
minha alma se sacia  
de reconfortante alimento.  
Quando penso em ti, durante a noite,  
nas vigílias, sobre meu leito,  
e medito no amparo que me deste,  
à sombra de tuas asas me alegro,  
minha alma a ti se aconchega  
e tua mão direita me protege.  
Em Deus sempre me regozijarei.  
A Ele dedicarei meus louvores.*

(Bíblia, Livro dos Salmos, Sl 63)

## ORAÇÃO

Senhor, para onde irei?  
Para onde Jesus iria:  
para a ovelha mais tresmalhada;  
para o irmão mais doente;  
para os mais abandonados;  
para os que têm menos pastores;  
para os mais cativos do demônio;  
para os mais cegos;  
para os mais perdidos.

Charles de Foucauld (1858-1916)

## WORDSWORTH (1770-1850)

Docemente,  
minha alma afastou o véu  
que a encerrava,  
e tendo ela mesma operado  
sua transmutação,  
apareceu, em toda a sua nudez,  
na presença  
de Deus.

## ORAÇÃO ATRIBUÍDA A SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Senhor,  
faze de mim um instrumento de tua paz.  
Onde houver ódio, que eu leve o amor.  
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.  
Onde houver discórdia, que eu leve a união.  
Onde houver dúvidas, que eu leve a fé.  
Onde houver erros, que eu leve a verdade.  
Onde houver desespero, que eu leve a esperança.  
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.  
Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Mestre,  
faze com que eu procure menos  
ser consolado que consolar;  
ser compreendido que compreender;  
ser amado do que amar...

Pois  
é dando que se recebe,  
é perdoadando que se é perdoado,  
é morrendo que se vive para a vida eterna.

# *ORAÇÃO LITÚRGICA:*

## **I — EXPERIÊNCIA DE DEUS**

— O que entendemos por experiência de Deus? Como podemos experimentar a presença de Deus?

Experiência significa, de qualquer modo, um conhecimento direto, imediato e concreto.

— Será que isso vale em relação a Deus?

— Não é Ele Aquêle que é totalmente diferente?

— O transcendente?

— Aquêle que ultrapassa a nossa experiência?

Realmente, só podemos ter conhecimento concreto de pessoas e objetos que nos rodeiam e de nossos próprios pensamentos e sentimentos. Portanto, não pensemos que nos seja possível experimentar a Deus, de modo direto e imediato, em alguma experiência de nossa vida espiritual: "Ninguém jamais viu a Deus" (Jo 1, 18). O que experimentamos é, portanto, antes de tudo a ausência de Deus. No entanto, é isso um fator positivo, por realçar a santidade inacessível de Deus, a diferença total do Criador de tôdas as criaturas. Deus está absolutamente livre de comunicar-se quando, onde e a quem Ele o quiser.

— Então, será impossível qualquer experiência de Deus?

— Não. Podemos experimentá-lo, de certo modo, por processos dinâmicos, por atitudes existenciais de cristão.

## **EXPERIÊNCIA DE DEUS EM COMUNIDADE**

Ir. M. Hildegardis, OSB  
*Recife — PE*

### 1 — Experiência de Deus na prontidão da fé.

Desde a infância, o homem experimenta chamados, apelos que se dirigem a êle. Amplia-se sempre mais a faixa desses apelos, chegando a ser uma abertura para com a humanidade toda. Escutar os homens e a sua situação. Escutar a história, com o seu passado e as suas projeções para o futuro. Podemos até dizer: a humanidade como um todo é ouvinte. Ela está a caminho, surgindo de uma origem desconhecida e dirigindo-se a uma meta, igualmente ignota. Abertura para com a humanidade toda significa, portanto, abertura para com o mistério de seu destino que não é outra coisa a não ser: prontidão da fé.

Essa atitude de prontidão ilimitada, de abertura incondicional, é o critério principal de uma autêntica experiência de Deus.

### 2 — Experiência de Deus na esperança do seu Reino.

Quem possui a prontidão da fé, não desconhece a imperfeição da situação do mundo e da vida. Apesar dessa experiência, ou talvez, por causa dela, crescerá nele a expectativa de algo melhor, a esperança de um novo céu e de uma nova terra, a esperança da salvação de todas as criaturas. O homem que anseia pela felicidade, pela completa salvação, onde as encontrará? Não em uma pessoa mortal, muito menos em objetos perecíveis. Só pode encontrá-las em Deus. Esperamos um encontro com Alguém que ultrapassa todos os encontros inter-humanos. Esperamos o encontro com o Deus vivo, o Salvador, no qual podemos colocar toda a nossa confiança.

### 3 — Experiência de Deus na caridade fraterna.

Quem espera o encontro com alguém que o ajuda, que o salva, no qual pode confiar plenamente, sente-se impelido a ajudar ao próximo, colocando-se, assim, como um sinal de sua esperança. O auxílio que os homens se prestam mutuamente, para o seu crescimento espiritual e desenvolvimento integral, é um início da salvação definitiva, esperada de Deus.

A renovação que se dá na vida humana pela ajuda fraterna, faz experimentar o Deus que renovará todas as coisas. O amor fraterno é a prova evidente de que a prontidão da fé e a esperança são autênticas. Sem prática da caridade, a fé e a esperança não passam de simples ideologia, havendo, apenas, uma ilusória experiência de Deus: "... todo aquele que ama, nasceu de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conheceu a Deus, porque Deus é amor". (1 Jo 4, 7-8).

### 4 — Experiência de Deus em Jesus Cristo.

— Jesus Cristo é aquele que viveu essas experiências de modo mais radical. Na cruz, experimentou, até o extremo, a ausência de Deus: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?" (Mc 15, 34). Sustentava a prontidão da fé, a obediência, até à morte. Fêz da esperança da expectativa do Reino de Deus, o tema fundamental de sua mensagem. A sua confiança comunicou-se aos homens pela experiência da ressurreição, continuando a ser o penhor de nossa própria esperança. Jesus vivia a caridade. Por suas palavras e ações, revelou o Pai que é Amor.

Em Jesus, Deus se aproximou de nós de forma concreta, palpável, apesar de não renunciar com isso à sua transferência e liberdade. "Ninguém conhece o Filho, senão o Pai" (Mt 11, 27). Em Jesus Cristo é-nos aberto o acesso ao Pai, a possibilidade da experiência de Deus: "Ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11, 27).

## II — EXPERIÊNCIA DE DEUS NA ORAÇÃO LITÚRGICA.

Onde é que encontramos hoje o Senhor ressuscitado? A resposta só pode ser: Na Igreja e nas manifestações de sua vida divina. No seu culto, no seu testemunho, na sua "diaconia", isto é, no serviço. Limitamo-nos aqui a desenvolver o aspecto de encontro com o Senhor ou experiência de Deus na liturgia. Ou, mais restrito ainda, na oração litúrgica.

A liturgia em sua totalidade — celebração eucarística, sacramentos e ofício divino — é o lugar privilegiado do encontro com o Senhor, como diz a Constituição do Vat. II sobre a Sagrada Liturgia (SC 7):

— Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Presente está no sacrifício da Missa, tanto na pessoa do ministro quanto sobretudo, sob as espécies eucarísticas. Presente está pela sua força nos sacramentos... presente está pela sua palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja. Está presente, finalmente, quando a Igreja ora e salmodia, Ele que prometeu: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles" (Mt 18, 20).

A oração em comum de um grupo de cristãos, ou seja, o ofício divino, é uma das maneiras pelas quais se expressa a vida do povo de Deus, constituído pelo batismo e mantido na união pela Eucaristia. Por isso, o ofício não é privilégio de uma determinada classe de fiéis,

mas a riqueza de todo o Povo de Deus. É a irradiação da Eucaristia em todos os dias da semana e em tôdas as horas do dia. É encontro marcado de Deus com o seu Povo.

## 1 — Oração litúrgica, encontro com Deus na sua Palavra.

O ofício, na sua maior parte, está composto de textos da Sagrada Escritura.

— Inspirados como são por Deus, continuam a dar-nos imutavelmente a palavra do próprio Deus, e fazem ouvir a voz do Espírito Santo através das palavras dos Profetas e dos Apóstolos... Com efeito, nos Livros Sagrados, o Pai vem ao encontro dos seus filhos, a conversar com eles..." (Dei Verbum 21).

A Palavra de Deus tem, sem dúvida, certo caráter sacramental. É um sinal sensível que santifica na medida da fé e do amor com que os cristãos a acolhem. Por outro lado, a Palavra de Deus se revestiu de uma linguagem humana, pois Deus falou a nós "por meio dos homens e à maneira humana" (DV 12). Trata-se, portanto, de uma espécie de "encarnação" da Palavra divina, processo que, ao mesmo tempo, vela e revela. Precisamos, por isso, da "obediência da fé" para podermos dizer o nosso sim à revelação divina. É o mesmo Espírito Santo que inspirou os autores humanos da Sagrada Escritura, que "move e converte a Deus os corações e abre os olhos da alma" (DV 5).

## 2 — Oração litúrgica, encontro com Deus em comunidade.

Deus chama os homens a "partilhar da sua própria vida e glória... não só de modo individual, mas constituindo-os num povo em que os seus filhos... se congregassem em unidade" (AG 2). Foi esta a missão de Jesus Cristo: estabelecer a paz e a união com o Pai e a comunhão fraterna dos homens entre si. Experiência de Deus é, pois, para o cristão, antes de tudo experiência comunitária.

Para que se realize a experiência comunitária de Deus, na oração em comum, a celebração do Ofício deve assumir uma tríplice dimensão:

### a) Uma dimensão pessoal

São pessoas que rezam, cada uma com a sua fisionomia espiritual própria. Deus se encontra com cada um de modo pessoal, não com uma massa anônima. Por isso, devemos acabar com um conceito formalístico e, mais ou menos, mágico do Ofício. Certas pessoas dizem: O Ofício é a oração oficial da Igreja, portanto, basta que eu pronuncie as fórmulas prescritas, e então a

Igreja está rezando. Mas, no caso concreto, sou eu, és tu, somos nós a Igreja. Se, durante o Ofício, nem eu nem tu rezamos, então ninguém reza em nosso lugar!

A Igreja não é uma espécie de plasma, de sombra sem corpo, que se pudesse colocar, durante o Ofício, em nosso lugar, suprimindo a ausência de nossa oração pessoal. O Ofício é a oração da Igreja na medida em que ela assume a minha oração como sua oração oficial. Mas, se eu não estou rezando, a Igreja não pode assumir nenhuma oração, simplesmente porque não existe oração. Portanto, nesse caso, também, não há nenhum encontro com Deus.

Para que a nossa oração em comum possa ter um caráter pessoal e, portanto, possa ser lugar de encontro com Deus, é necessário uma conversão pessoal. O Ofício, por mais bela que seja a sua celebração, deve-se tornar a minha oração pessoal, para poder levar a uma experiência autêntica de Deus e ter os seus efeitos na vida diária. Somos as mesmas pessoas na celebração litúrgica e na vida cotidiana.

Se nossa vivência, nossos pensamentos, nossa oração particular, estiverem totalmente estranhos aos sentimentos, pensamentos e à oração que caracterizam o Ofício, e que correspondem à mentalidade bíblica e cristã, não basta entrar na capela e abrir o breviário para estarmos, de repente, unidos à corrente da grande oração tradicional da Igreja. Precisamos de uma verdadeira conversão para fazer de nossa vida e de nossa oração uma unidade.

Sem uma ascese autêntica, associada estreitamente ao mistério pascal, no qual a Vida, pela morte, venceu a morte, não conseguimos realizar em nós a unidade, na qual o homem deve entrar quando fala com Deus.

### b) Uma dimensão comunitária

Ao lado da dimensão pessoal, o que caracteriza o Ofício é a sua forma comunitária. Todos os presentes formam uma comunidade em que cada um toma parte ativa, exercendo determinado papel, assumindo uma função específica dentro do conjunto. O presidente — não existe comunidade sem alguém que dirige — dá o sinal para o início da oração, o cantor e a assembléia salmodiam, o leitor proclama a Palavra de Deus e todos escutam.

Há gestos que expressam os pensamentos e sentimentos: ficar de pé ou sentado; ajoelhar-se e inclinar-se em adoração. Corpo e coração, o homem todo está em ação na oração em comum, e é o homem todo com quem Deus se quer encontrar.

A objetividade das palavras e dos gestos preserva a pessoa de um sentimentalismo vazio como de um individualismo egoísta que só visa a "salvação própria". Preserva, portanto, a oração em comum do engano de um encontro com Deus, de uma experiência religiosa que, na realidade, não se deu. A oração em comum alarga os nossos horizontes, tanto para que vejamos a grandeza de Deus e a sua santidade, dignas de todo o louvor, e do amor exclusivo da criatura, como para as esperanças e angústias de todos os homens, nossos irmãos que necessitam de nossa intercessão.

### c) Uma dimensão eclesial

Sempre que se reúne um grupo de batizados para o culto, para o testemunho da fé ou para um serviço, temos uma representação concreta do Povo de Deus, da Igreja. Aí, Cristo está presente e continua a sua ação salvífica. Portanto

a comunidade cristã que se reúne em oração, seja uma comunidade permanente — a família ou uma comunidade religiosa — seja um grupo que se encontra ocasionalmente, tem uma dimensão eclesial. Concretiza-se nela a Igreja, o Cristo total. Continua nela a encarnação, a vinda de Deus ao mundo, revestido de natureza humana, o Deus conosco, um Deus velado e que, ao mesmo tempo, está perto de nós.

A Igreja é uma realidade complexa: a um tempo "divina e humana; visível e dotada de elementos invisíveis; operosa na ação e devotada à contemplação; presente no mundo e, no entanto peregrina, em busca da cidade futura" (SC 2).

Esses elementos devem encontrar a sua expressão na oração litúrgica, para que esta seja realmente lugar de encontro, de experiência do Deus feito homem e presente entre nós, como o Senhor glorificado.

**H E R D E R**  
**EDITORA LIVRARIA LTDA.**  
**CAIXA POSTAL, 7509**  
**SÃO PAULO — SP**

**CURSO DE PREPARAÇÃO AO CASAMENTO**, de Paul-Eugène Charbonneau. Prefácio de Dom Lucas Moreira Neves, Assistente do Movimento Familiar Cristão para a América Latina. Ano 1971. Páginas: 170.

A crise por que passa nossa civilização envolve valores humanos fundamentais, como a família, o casamento, o amor, a sexualidade. Diante de ataques cotidianos sofridos por tais valores, numerosos são os que se abandonam a estéril pessimismo, limitando-se a vituperações. Outros, simplesmente cultivam fácil cinismo que é, ao mesmo tempo, concessão derrotista e oportunismo moral de baixo quilate.

Aquêles que se recusam a estas atitudes irresponsáveis e têm fé na humanidade, apesar de tudo, e sobretudo na juventude, continuam a lutar tentando esclarecer estes grandes problemas que penetram profundamente o coração humano.

Neste sentido a Igreja, inquieta com a instabilidade afetiva que mina tantos lares jovens — e menos jovens — lançou nova exigência, não proveniente de conformação à lei, mas da vontade profunda de ajudar os homens a viver melhor o amor humano e nele encontrar o caminho vivo da caridade.

Padre Paul-Eugène Charbonneau é conhecido em todo o mundo por seu trabalho pioneiro na matéria. Com sua experiência pastoral, notável dinâmica intelectual e maneira clara de abordar os complexos problemas da vida matrimonial que o tornam apto para o encargo que se impôs de ajudar aqueles que, na aurora da juventude, sonham fundar um lar, apresenta a síntese que intitula sem rodeios **CURSO DE PREPARAÇÃO AO CASAMENTO**. Trata-se de trabalho em que a profunda reflexão, aliada à notável senso prático, situa em sua verdadeira dimensão os problemas do amor.

Neste livro encontrarão os noivos sólido conteúdo para alimentar a reflexão comum necessária ao preparo da felicidade futura. E padres e leigos, preocupados em ajudar jovens casais a abrir os caminhos do amor e da felicidade, nele encontrarão amplo material, apropriado a exemplificar esta difícil tarefa.

Conforme é indicado no prefácio do livro, por Dom Lucas Moreira Neves, Assistente Latino-americano do Movimento Familiar Cristão e responsável pela pastoral da família para a CNBB, trata-se de obra de grande seriedade e oportunidade indiscutível.

Um livro para ser lido por aqueles que se inquietam com o futuro do amor humano e pelos jovens que o viverão.

## **ORAÇÃO PARA PEDIR O BOM-HUMOR**

Dá-me uma boa digestão, Senhor!  
E também algo para digerir.  
Dá-me saúde do corpo  
E também bom-senso para conservá-la bem.  
Dá-me uma alma diáfana, Senhor,  
que tenha sensibilidade para o bem e para o puro  
e que não se espante diante do pecado.  
Mas sempre encontre um meio de ajeitar tudo em ordem.  
Dá-me uma alma livre de tãda a chatice,  
que ignore o murmúrio, o desabafo e as lamúrias.  
Não permitas que eu me preocupe demais  
por aquêlo algo que se quer impor cada vez mais  
e que nós chamamos de EU.  
Dá-me sentido para o humor, Senhor.  
Dá-me a graça de entender um chiste  
para que eu tenha um pouco de alegria na vida  
e possa também transmiti-la aos outros.  
Amém.

**Santo Tomás Morus (1478-1535)**  
Chanceler inglês



## **ORAÇÃO NA INTIMIDADE COM DEUS**

Tu, que estás acima de nós,  
Tu, que és um dentre nós,  
Tu, que és —  
Também em nós.  
Que todos te possam ver — também em mim,  
Que eu possa preparar o caminho para Ti,  
Que eu possa agradecer por tudo o que me tem acontecido.  
Que eu não esqueça jamais as necessidades dos outros.  
Conserva-me em teu amor.  
Assim como tu queres que os outros se conservem no meu.  
Que tudo em meu ser se transforme em teu louvor.  
Que eu jamais chegue a desesperar  
pois eu estou em tuas mãos.  
E tãda fôrça e bondade estão em Ti.  
Dá-me um espírito puro — para que eu Te possa ver.  
Dá-me um espírito humilde — para que eu Te possa ouvir.  
Dá-me um espírito amoroso — para que eu Te possa servir.  
Dá-me um espírito fiel — para que eu possa permanecer em Ti.

**Dag Hammarskjold (morto em 1961)**  
Secretário Geral da ONU

# VOCACIONES ECCLESIASTICAS

## NO PRESENTE E NO FUTURO

Os jovens exigem autenticidade e união da Igreja, de modo particular entre os que são testemunhos privilegiados dela:

Bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas.

É através de um regresso constante aos valores evangélicos que a Igreja tornará a ser descoberta e que os jovens ouvirão os chamamentos.

### I Parte

#### Observações preliminares

1. O II Concílio Vaticano apresentou a doutrina das vocações particulares no contexto geral da vocação e da missão da Igreja no mundo. O Concílio pôs em evidência, entre outras coisas, o caráter dinâmico das vocações particulares, o seu enraizamento na vocação batismal; e ainda a ação mediadora, a seu respeito, da comunidade de fé e o seu destino do serviço do Reino de Deus.

Mas esta doutrina está longe de se encontrar presente em todos, e muitos dos seus aspectos continuam por explorar. Neste mundo em perene mudança, um trabalho de procura e de aplicações pastorais sobre tal assunto deverá ser empreendido constantemente.

2. A primeira dificuldade deriva do fato de que as vocações particulares não estão ainda situadas, como deveria ser, no próprio seio da vocação e da missão da Igreja. Advém daí, então, que não aparecem na sua orgânica unidade, na sua complementariedade e na sua finalidade missionária universal.

3. Um outro problema se apresenta hoje, depois da restauração do diaconado, e pelo fato de serem confiadas aos leigos novas funções de tipo ministerial, etc. Por conseguinte, o específico do presbiterado e de certas formas de vida religiosa torna-se menos visível. Também sobre este ponto são necessários estudos mais aprofundados.

4. A diversificação da sociedade moderna tem necessidade de uma pluriformidade no exercício do ministério sacerdotal e, conseqüentemente, exige

uma atenção especial a tal pluriformidade, na preparação dos que virão a exercer esse ministério.

Por outro lado, a variedade e também a oposição dos modos, com que os homens de hoje comprometem a sua existência, podem provocar oposições, quer entre os próprios sacerdotes, quer entre os sacerdotes e certas categorias de fiéis. Parece-nos, pois, hoje necessário aprofundar e fazer compreender melhor como o presbiterado represente um ministério de unidade.

5. Em muitos lugares, a corresponsabilidade entre Bispos e sacerdotes, entre religiosos e superiores maiores, não parece ainda realizada suficientemente. Uma ausência de diálogo, certo desconhecimento prático do princípio de subsidiariedade, são gravemente prejudiciais às vocações. Uma evolução neste campo parece, de modo particular, necessária.

6. Em matéria de vocações, existe um problema de adaptação de linguagem às várias idades, às mentalidades, às situações. Existe também um problema de método: para os responsáveis dos serviços das vocações trata-se menos de pedir a outros que sejam propagandistas delas, do que de os ouvir para, todos unidos e complementares, se descobrirem melhor. Existe, finalmente, um problema de catequese dos jovens e dos adultos.

7. Em relação com o que até agora foi recordado, certos deveres impõem-se aos responsáveis dos serviços das vocações:

a) promover à sua volta uma investigação teológica;

b) ajudar os leigos, as famílias, as comunidades cristãs, os sacerdotes, os religiosos a saber descobrir

melhor a diversidade dos dons e dos chamamentos na Igreja, a complementariedade das funções e dos carismas; e, particularmente, a fazer mostrar com clareza os caracteres específicos dos ministérios e da vida religiosa;

c) um Centro de vocações deve prestar atenção para que tôdas as suas publicações sejam conformes aos princípios doutrinários, que são o fundamento do trabalho pastoral. No seu programa deverá compreender também a formação doutrinária e pastoral dos responsáveis pelo serviço das vocações.

## II Parte

### Pastoral geral

8. Podem distinguir-se dois aspectos na pastoral das vocações. Um, de caráter geral, consiste em inserir a dimensão vocacional no seio de toda a atividade pastoral. O outro, de caráter específico, consiste em sensibilizar diretamente as pessoas, as comunidades cristãs e a sociedade em geral aos diversos chamamentos do Senhor, para tôdas as formas de vocação.

9. O Centro das vocações tem uma responsabilidade própria, fazendo um trabalho de animação entre o clero, os religiosos, as religiosas, os leigos, as comunidades cristãs (famílias, movimentos juvenis e de ação católica, centros catequéticos, etc.), a fim de que todos eles insiram a dimensão vocacional na sua própria ação pastoral.

Eles próprios devem aprofundar a sua vocação batismal e descobrir a função das vocações particulares, precisamente enquanto exercem a ação evangelizadora nos vários ambientes da vida.

É importante favorecer tôdas as formas possíveis de compromisso espiritual e apostólico dentro da Igreja missionária, e fazer com que sejam sustentadas por autênticas comunidades cristãs.

**De 10 a 14 de maio de 1971, realizou-se em Roma, o IV Congresso dos Diretores Nacionais e Delegados Diocesanos para as Vocações Eclesiásticas. Estavam representados vinte e oito países.**

**O tema geral do Congresso foi: Qual poderá ser, na elaboração e na execução de um plano e de uma política nacional para as vocações, a parte dos Diretores dos Centros Nacionais e Diocesanos para as Vocações.**

**O Congresso foi promovido pela Sagrada Congregação para a Educação Católica e presidido pelo Cardeal Garrone. Convergência transcreve o Documento Final elaborado pelos Congressistas.**

10. Este diálogo entre diretores dos serviços das vocações e responsáveis dos diversos setores pastorais exige uma pastoral de conjunto, na qual possam ser postas em prática a coordenação e a colaboração.

A realização desta pastoral de conjunto pertence à responsabilidade dos Bispos e dos Superiores maiores, aos quais compete ajudar todo o Povo de Deus na realização de uma pastoral geral das vocações.

## III Parte

### Aspectos específicos da Pastoral a nível dos leigos

11. Para comunicar aos homens de hoje as verdades relativas à vocação, é preciso, antes de mais nada, conhecer bem, em concreto, as situações deste mundo, as necessidades e as aspirações dos homens de hoje. Os Centros das vocações deverão, por isso, em primeiro lu-

gar, promover estudos psicológicos e sociológicos relativos a este problema.

Em particular, pelo fato do caráter tecnológico da sociedade, do fenômeno das concentrações urbanas, etc., estão a criar-se uma sociedade de massa e estruturas impessoais, que tornam mais difícil a manifestação de uma vocação.

12. Neste novo mundo, é preciso suscitar novas comunidades de fé com dimensões humanas, nas quais um jovem ou um adulto possa aprofundar a sua vocação batismal e descobrir, através dos seus compromissos, uma possível chamada ao sacerdócio ou à vida religiosa, ou a outras formas de serviço à Igreja.

13. Todos os cristãos e tôdas as comunidades cristãs são responsáveis pelas vocações. Exercitam esta responsabilidade, em primeiro lugar, pela irradiação da própria fé, mas devem também ser convidados pelos Centros a participar ativamente na reflexão, no decorrer e no maturar das vocações. Importa ainda que eles participem no trabalho de formação dos candidatos ao sacerdócio e à vida religiosa.

Para que este trabalho pastoral seja eficaz, os Centros das vocações devem ministrar ao povo cristão, e mais especialmente aos pais e aos educadores, uma teologia da vocação, uma pedagogia e uma catequese, adaptadas às diversas fases do caminho da vocação.

14. Em particular, os Centros devem convidar os leigos a refletir sobre a nova imagem do sacerdote e da vida religiosa, imagem que deve ser delineada à luz dos dados essenciais da doutrina da Igreja.

15. Juntamente tomarão consciência de um horizonte novo de responsabilidades cristãs, que se abre ao mundo contemporâneo, sob forma, por exemplo, de compromisso dos leigos ao serviço da missão, ao serviço do anúncio da Palavra de Deus, nos institutos seculares, etc.

## IV Parte

### Aspectos específicos da Pastoral em prol dos sacerdotes e religiosos

16. O testemunho autêntico dos sacerdotes, dos religiosos e das religiosas é um pressuposto insubstituível para o despertar das vocações.

17. Este testemunho deve estar ligado a uma considerável capacidade de compreensão e de comunicação com as mentalidades do homem moderno.

Para tal fim, impõe-se hoje a necessidade de uma formação permanente, quer no plano espiritual e pastoral, quer no plano doutrinal e cultural. Exige-se um "aggiornamento" contínuo para todos os membros da Igreja, especialmente para os Bispos, os sacerdotes, os religiosos e as religiosas. A responsabilidade maior neste campo pertence às Conferências Episcopais.

Por este motivo, torna-se particularmente indispensável desenvolver os Institutos de formação para os educadores do clero e dos religiosos.

18. A profunda evolução, que se está a operar na vida moderna, produz em muitos sacerdotes e religiosos um sentimento de isolamento e um estado de instabilidade emocional. A crise de certezas adquiridas cria problemas de fé. Os problemas levantados à volta do celibato, o abandono da vida eclesial por sacerdotes e religiosos, etc., tornam mais difícil a vida sacerdotal e religiosa: daí advêm, ao mesmo tempo, uma crise de identidade e reações negativas relativamente às vocações.

19. No interesse do seu testemunho, é necessário que os sacerdotes possam encontrar ajuda, para as dificuldades próprias, num sacerdote que saiba ser simultaneamente um confidente e um conselheiro (nalguns países usa-se a expressão "pastor pastorum"). Nesta mesma linha, não se pode menosprezar a importância do trabalho e da vida comunitária dos sacerdotes.

20. Por outro lado, devem notar-se as atitudes contraditórias pa-

ra com as instituições que apóiam as vocações dos adolescentes: uns vêem na vocação uma chamada divina predestinante; outros reduzem-na à simples descoberta de si mesmo. É preciso estar atento às concepções falseadas da vocação.

21. Do mesmo modo, a evolução que se dá na formação dos sacerdotes e dos religiosos é considerada por uns como perigosamente progressista, por outros, como insuficientemente adequada. Compete aos serviços das vocações dar a conhecer esta evolução à comunidade cristã e fazer compreender estes problemas, quer se trate do sacerdócio, quer da vida religiosa ou de outros serviços na Igreja. Para este fim, esses mesmos devem estar em estreita colaboração com os responsáveis desta formação.

22. As dificuldades atuais criam a exigência, para a entrada na vida sacerdotal e religiosa, de uma maturidade maior do que a requerida no passado. Por outra parte, a vocação deve ser continuamente apoiada, pois que a resposta à vocação continua ainda para além da ordenação ou da profissão religiosa.

23. Os serviços das vocações devem promover o diálogo e a animação entre todos os membros da comunidade cristã. Eles mesmos devem dar o exemplo de uma autêntica comunidade fraterna. Uma vocação reagirá sempre negativamente diante de uma vida individualista.

24. As investigações da psicologia mostram-nos que há momentos privilegiados em que se toma consciência dos projetos para o futuro: ao terminar a infância, na segunda adolescência, no início da idade adulta. Uma pastoral das vocações deve estar atenta, de modo particular, a estes momentos da vida.

Os projetos para o futuro, orientados ao sacerdócio, à vida religiosa, a outros serviços na Igreja, manifestados pelos rapazes ou pelos jovens, se são coerentes com a vida dos que os exprimem, requerem necessariamente uma atenção e uma ajuda adequadas por parte da Igreja.

Essa ajuda deve facilitar a procura que estes jovens estão a fazer, no dinâmico desenvolver da sua vocação batismal, favorecendo de maneira completamente particular o seu compromisso apostólico e a leitura dos sinais de Deus na sua vida.

Seria falso considerar esses projetos como vocações sacerdotais ou religiosas adquiridas de uma vez para sempre, segundo algumas mentalidades, que ainda podem ser encontradas em certas formas de seminários menores e de escolas apostólicas.

25. No que diz respeito à vida religiosa, continua ainda a ser necessário uma procura e um esclarecimento, pessoal e comunitário, que sejam apropriados à missão da própria vida religiosa e adaptados às necessidades dos homens. Também para a vida religiosa existe um problema de "credibilidade". A renovação das vocações pode fazer-se só por este preço.

## V Parte

### Os jovens e a juventude

26. Os jovens, que em pequeno número se comprometem hoje na Igreja, apresentam, por sua vez, exigências profundas de valores: encontramos nêles um sentido de solidariedade, um desejo de libertação e até um desejo de silêncio e de espiritualidade, uma procura de autenticidade e de novos valores de fé, um interesse pelos próprios problemas da justiça e da paz, um espírito criador, que nêles está ligado à rejeição das formas institucionais.

É necessário reconhecer nestas aspirações os ecos de muitos valores evangélicos e como que já uma primeira resposta a certos chamamentos.

27. Por outro lado, é preciso adquirir um conhecimento cada vez mais vivo das mentalidades e das motivações dos candidatos ao sacerdócio, à vida religiosa e aos outros serviços na Igreja. Este conhecimento deve permitir que se estabeleça um melhor contato psicoló-

gico com os candidatos, e um uso mais ajuizado dos critérios de discernimento sobre o valor das suas intenções.

28. Os jovens exigem autenticidade e união na Igreja, de modo particular entre os que são testemunhos privilegiados dela: Bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas.

Perante uma vida individualista, de um clero dividido, de desigualdade no estilo de vida de sacerdotes e religiosos, de uma falta de espírito de pobreza, os jovens sen-

tem em si uma reação de repulsa. É através de um regresso constante aos valores evangélicos que a Igreja tornará a ser descoberta e que os jovens ouvirão os chamamentos.

29. Acrescente-se que o compromisso definitivo, supondo hoje um amadurecimento maior, parece exigir uma idade mais adulta do que no passado. É necessário preparar-se através de compromissos temporários bem orientados, quer na perspectiva do ministério sacer-

dotial, quer na perspectiva da vida religiosa, conforme a natureza própria destas diversas vocações.

30. Muitos jovens identificam-se com os adultos que admiram. O Cristo-homem, na medida em que os jovens O descobrem, provoca neles atração e adesão a Ele. Resta à Igreja a missão insubstituível de os fazer alcançar e entender também a verdadeira identidade de Cristo-Senhor, para que eles possam descobrir toda a importância do chamamento.

### Votos dos Congressistas

No final dos trabalhos, um grupo numeroso de Diretores Nacionais propôs uma dupla petição:

1. Pede à Comissão Teológica Internacional:

— que faça investigações sobre as vocações na Igreja;

— que continue o seu trabalho sobre a diversidade dos ministérios e, particularmente, sobre o ministério sacerdotal;

— que estude em que medida a Igreja pode ou deve tomar compromissos nas situações concretas, em que a justiça, a paz e o bem comum estão em jogo;

— que estude os fundamentos teológicos da vida religiosa.

2. Pede instantaneamente a unificação em Roma de tudo o que já foi

unificado no plano internacional, para um melhor serviço a todas as vocações: sacerdotais, religiosas e missionárias. Neste sentido, solicita respeitosamente ao Santo Padre a instituição de um serviço internacional para todas as vocações. Tal serviço poderia trabalhar com todos os países do mundo e, ao mesmo tempo, estaria em relação com os Dicastérios interessados e os organismos dos Superiores e das Superiores maiores.

Paralelamente, numerosos Diretores que trabalhavam noutro grupo de estudo, apresentaram a seguinte proposta que, só por razões de tempo, não pode ser unificada com a precedente:

Propõe-se que a comissão de Diretores nacionais, eleita para preparar o próximo Congresso inter-

nacional, estude o modo de organizar um serviço internacional, com a colaboração da S. Congregação para os Religiosos, para tudo o que diz respeito às vocações religiosas masculinas e femininas:

1. para informar;

2. para a troca de subsídios e direitos de imprensa pela parte dos Centros Nacionais;

3. para tomar iniciativas comuns para a defesa e a valorização das vocações consagradas, através dos meios mais oportunos;

4. para aprofundar a configuração e o funcionamento dos Centros Nacionais, mesmo por meio de encontros continentais e de grupos lingüísticos.



### A "AÇÃO ADVENIAT" NA AMÉRICA LATINA

Na primeira parte deste ano, a Comissão Episcopal da Ação Adveniat — formada por cinco bispos alemães e presidida por Dom Franz Hengsbach, Bispo de Essen — aprovou o financiamento de 928 novos projetos da Igreja para a América Latina, com um custo total de 16 milhões de marcos. Foram recusados 213 projetos, por razões diversas como: alguns, caros demais e outros de conteúdo insuficientemente convincente. Dêstes 928, quase uma terça parte, 303, são do Brasil. Seguem a Argentina com 114; o Chile com 62; o Peru com 51 e o México com 49. Os demais 349 correspondem às demais nações latino-americanas.

## **ORAÇÃO DO ABANDONO**

Meu Pai,  
entrego-me a vós.  
Fazei de mim o que fôr do vosso agrado.  
O que quiserdes fazer de mim, eu vos agradeço.  
Estou pronto para tudo. Aceito tudo,  
desde que vossa vontade se realize em mim,  
em tôdas as vossas criaturas.  
Não desejo outra coisa, meu Deus.  
Deponho a minha alma em vossas mãos.  
Eu vô-la dou, meu Deus, com o amor de meu coração,  
porque vos amo,  
e porque, para mim, é uma necessidade de amor dar-me  
e entregar-me em vossas mãos, sem medida,  
com uma confiança infinita, pois sois meu pai.

**Charles de Foucauld (1858-1916)**



### **HUMANO ASSIM SÓ PODE SER DEUS MESMO!**

Não é da análise abstrata do que seja Deus e do que seja o homem que entendemos quem é Jesus Homem-Deus. Foi convivendo, vendo, imitando e decifrando Jesus, que seus discípulos chegaram a conhecer a Deus e ao Homem. O Deus que em e por Jesus se revela é humano. E o homem que em e por Jesus emerge é divino. Foi num homem que a Igreja primitiva descobriu a Deus. Os dogmas não visam prender ou substituir o mistério, mas estabelecem sempre uma regra doutrinária e comunitária de falar a partir do mistério.



### **ESPÍRITO CRIADOR**

A quem me pergunta: Por que tem esperança apesar da crise presente, respondo:

Porque creio que Deus é nôvo cada manhã. Porque penso que cria o mundo a cada instante. Não o criou num passado longínquo perdido. A criação está acontecendo agora. Temos que estar preparados e esperar o inesperado de Deus. Os caminhos da Providência são normalmente surpreendentes. Não somos prisioneiros de determinismo nem dos sombrios prognósticos dos sociólogos.

Deus está aqui dentro de nós, imprevisível e amante. Sou homem de esperança. Não por razões humanas nem por otimismo natural. Mas simplesmente porque creio que o Espírito Santo atua na Igreja e no mundo, inclusive onde seu nome é ignorado. Sou otimista porque creio que o Espírito Santo é sempre Espírito criador. A quem o sabe acolher, dá cada manhã uma liberdade completamente nova, plena de alegria e de confiança.

A longa história da Igreja está repleta das maravilhas do Espírito. É ele quem suscita os profetas e os santos. Éle que nas horas obscuras derramou uma torrente de graças e projetou sobre o caminho um facho de luz. Creio nas surpresas do Espírito Santo. João XXIII chegou de Improviso. E o Concílio também. Nós não o esperávamos.

Quem poderá dizer que a imaginação e o amor de Deus estão esgotados? Esperar é um dever. Não um luxo. Esperar não é sonhar. É o meio de transformar um sonho em realidade. Felizes os que têm a audácia de sonhar. Felizes os que estão dispostos a pagar um preço para que seu sonho se encarne na história dos homens.

**Cardeal Suenens**

# ORAÇÃO: DIÁLOGO COM DEUS

É principalmente na oração que se concretiza a nossa experiência de Deus. É claro não ser a única maneira de experimentar a sua inefável presença. Ela se manifesta de mil outros modos, os mais variados e imprevisíveis:

◆ Num sofrimento intenso, que nos revela o vazio das coisas terrenas e desperta em nós a nostalgia de uma felicidade que não se encontra na Terra.

◆ Na descoberta de sua beleza e de seu poder, refletidos na obra de sua criação.

◆ Num gesto de bondade ou de amor que descobrimos de repente em um nosso irmão.

◆ Numa palavra, cheia de unção, que ouvimos ou lemos com o coração aberto.

◆ No contato com pessoas que se alimentam continuamente de sua presença.

◆ Nos impulsos interiores e gratuitos de seus dons maravilhosos.

◆ E de tantos outros modos, ao longo de nossa experiência espiritual.

No entanto, a maneira mais direta e eficaz de ex-

**Um mínimo de fé, de esperança e de caridade é indispensável para se poder rezar.**

**Para rezar o Pai Nosso é necessário todo o despojamento das bem-aventuranças**

**D. MARIANO COSTA REGO, O.S.B.**

perimentar esta presença invisível de Deus, será sempre a oração.

**Qualquer que seja o tipo de oração:**

— individual ou comunitária;

— espontânea ou textual;

— de silêncio ou de palavras;

— de louvor ou de súplica;

— de adoração ou de ação de graças;

— de intercessão ou de penitência.

**E qualquer que seja a religião do orante, a oração supõe sempre uma presença amorosa e complacente do Deus Vivo, do Deus Pessoa, do Deus Amor.**

Um mínimo de fé, de esperança e de caridade, é indispensável para se poder rezar. É preciso acreditar no que não se vê, para experimentar o impulso da oração.

É preciso possuir a certeza de ser ouvido, alimentada pela esperança da resposta, para se colocar em atitude de orante. E é preciso principalmente, para rezar, ser

movido pelo amor. Um amor correspondência, um amor confiança, um amor de quem se sente amado primeiro, já pelo próprio fato de existir e de crer.

Cada religião explicitará na oração o conteúdo de sua fé, de sua esperança e de seu amor, de acordo com o acervo doutrinário e místico de suas crenças e de seus dogmas. Mas todas elas trarão a marca desta tríplice dimensão teológica, ainda que seja em estado embrionário e imperfeito.

No Cristianismo, esta tríplice atitude será a resposta consciente e engajante do homem à revelação do Deus Trindade, que se comunicou com os homens através dos ensinamentos de Cristo, transmitidos aos Apóstolos e por estes à Igreja. A fé será centralizada no fato da Encarnação e no dinamismo salvífico do Mistério Pascal. O amor se alimentará da revelação de que o Espírito Santo foi difundido em nossos corações e nos congrega na Igreja, comunidade de salvação, para participarmos, pelo Cristo, Verbo Encarnado, da glória e da felicidade do Pai. E a esperança adquire toda a sua força das promessas de Deus, realizadas fundamentalmente em Cristo, que foi constituído nosso Mediador para nos garantir a vocação de co-herdeiros do Reino.

É neste clima teológico que a oração cristã nos conduzirá à experiência de Deus, colocando-nos em diálogo com as Pessoas divinas, mergulhando-nos no próprio circuito vital da Santíssima Trindade.

## DIALOGO E PESSOA

"Diálogo" e "pessoa" são dois conceitos muito freqüentes no vocabulário que exprime o pensamento de nosso tempo.

De um lado, fenômenos como a revolução industrial, os avanços da tecnologia, a explosão demográfica, a urbanização descontrolada e os desníveis econômicos, ameaçam submergir o homem no ruído das máquinas e na massificação dos grandes aglomerados humanos, artificiais e despersonalizantes, como denunciou recentemente Paulo VI em sua carta **Octogesimo Adveniens**.

Por outro lado, como que por contraste dialético, as correntes mais expressivas do pensamento contemporâneo e os processos crescentes de socialização, afirmam os valores impercíveis da pessoa humana e a necessidade vital de comunicação social. Pessoa e diálogo são exigências clamorosas da nova civilização que surge, abrindo uma etapa nova na história da humanidade. A juventude principalmente, em suas mais diferentes manifestações, repudia a

massificação e o egoísmo, exigindo o respeito aos direitos da pessoa e o diálogo que restabelece o amor e a compreensão entre os homens.

Pessoa significa, hoje mais do que nunca, valores, dignidade, vida, espírito, ideais, aspirações, fonte criadora de pensamento e centro irradiante de amor.

Diálogo é comunicação, intercâmbio de "lógos", troca de pensamentos, construção conjunta de uma harmonia inteligente, abertura amorosa na busca construtiva da verdade, em prol de um bem comum que enriquece a todos.

Se "pessoa" e "diálogo" são termos que exprimem as preocupações vitais de nossos dias, são também conceitos não menos importantes no patrimônio doutrinário da revelação cristã. O mistério central do Cristianismo é que as três Pessoas divinas resolveram abrir diálogo com os homens. Cristo, o "lógos" do Pai, conviveu conosco, ensinando-nos a dialogar com Deus. E, para que o nosso diálogo fosse verdadeiramente divino, nos elevou por sua graça à participação de sua natureza de Filho, e nos comunicou o Espírito que nos capacita a clamar, com toda verdade, **Abba, Pai!** (Rom 8,15).

A vida de Deus é diálogo. A vida de Jesus na Terra foi também um diálogo permanente. A vida espiritual dos cristãos é essencialmente diálogo com Deus e com os irmãos. O mistério da Igreja está também no seu contínuo diálogo com Deus, com seus membros e com o Mundo. A própria consumação final do Reino de Deus será o estabelecimento definitivo do diálogo que Deus quis abrir conosco.

## ORAÇÃO COMO DIALOGO

Estamos acostumados com a definição do Catecismo de que a oração é a elevação da alma a Deus. Mas devemos nos lembrar de que esta elevação já é um impulso da graça de Deus.

É uma resposta nossa ao seu amor.

**Ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo Espírito Santo.** (1 Cor 12,3).

Quando rezamos, já somos movidos por Ele. Já estamos em diálogo com Ele. Antes mesmo que nossa prece se formule em nossa mente e se expresse em nossos lábios, Ele já está presente, tocando nossos sentimentos e agindo, forte e suavemente, em nossa vontade. Daí a possibilidade da oração silenciosa, da meditação sem palavras, que é o puro gozo de sua presença, a escuta atenta e amorosa de sua

ação no mistério de nosso eu profundo. É lá que Ele habita. É lá que Ele prometeu fazer com o Pai "a sua morada" (Jo 14, 23), do mesmo modo que nós habitamos nêle, como afirmava S. Paulo aos gregos do Areópago: "nêle vivemos, nos movemos e existimos". (At 17, 28).

Rezar é trocar o nosso "lógos" humilde, suplicante, confiante de criatura, com o "lógos" onipotente e cheio de misericórdia de Deus. Nossa oração poderá ser a adoração reverente de Santo Tomás:

**Adoro Te devote, latens Deitas.**

Poderá ser o louvor extasiado de São Francisco de Assis:

**Onipotente eterno gran Signore!**

Poderá ser o grito angustiado do Cristo na cruz:

**Eli, Eli: lama sab acthani!**

Poderá ser o gemido arrependido de Davi:

**Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam.**

Ou a vibração, cheia de ação de graças, de Maria:

**Magnificat anima mea Dominum.**

Em qualquer circunstância, nossa palavra ou nosso silêncio estará indo de encontro à Palavra silenciosa do Deus Vivo, que nos fala no íntimo do coração. E esta troca, êste diálogo, êste "admirável comércio", será aquela experiência de Deus, mais eficaz e mais direta, de que falávamos no início destas linhas.

Rezar não é pronunciar fórmulas, por mais belas e até mesmo inspiradas que elas sejam. Rezar é experimentar êste diálogo, em que o sentido do "Outro" é tão conscientemente forte

quanto o sentido do "Eu". É ser movido pelo Espírito Santo a se revestir de Jesus Cristo para se dirigir ao Pai. É participar, por pura e gratuita misericórdia, do diálogo eterno e inefável que é a própria vida da Santíssima Trindade. A "perichorésis" de que falam os Padres Gregos. Isto é rezar para o cristão.

Não é à Trindade que se dirige a verdadeira prece cristã. Como também não é a Jesus nem ao Espírito Santo. A verdadeira oração cristã é um mergulho na Santíssima Trindade, através do Cristo, por um impulso divino do Espírito Santo, dirigindo-se ao **Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo e Deus de toda consolação** (2 Cor 1, 3) que "é Amor" (1 Jo 4, 16), "de quem provém todo dom perfeito" (Tg 1, 17), "no qual não há trevas" (1 Jo 1, 5) e que "nos predestinou a sermos conformes à imagem de seu Filho" (Rom 8, 29) "para o louvor de sua glória" (Ef 1, 6).

**Podemos rezar a Jesus**, nosso Salvador e Irmão divino, para que o seu Mistério Pascal se realize em nós e, assim, nós sejamos colocados como filhos diante do Pai. (At 7, 59).

**Podemos rezar ao Espírito Santo**, para que nos converta, nos santifique, nos ilumine com a ação maravilhosa de seus dons, nos revele "toda a verdade" (Jo 16, 13) e coloque em nossos lábios nossa oração ao Pai (Rom 8, 16 e 26; 1 Jo 4, 2; 5, 6).

Mas a verdadeira oração cristã deve ser um diálogo confiante e filial com o Pai, iluminado pela fé na mediação redentora de Cristo (1 Tim 2, 5; Heb 9, 15) e alimentado pela caridade que "o Espírito difunde em nossos corações" (Rom 5, 5).

## O PAI NOSSO: PROTÓTIPO DO DIÁLOGO COM DEUS

Quando os Apóstolos, impressionados com a oração de Jesus, Lhe pediram que lhes ensinasse a rezar, foi o Pai Nosso que Ele lhes ensinou. É o exemplo mais maravilhoso da verdadeira oração, o modelo por excelência do diálogo do homem com o Deus Vivo.

Se é o Espírito que nos dá a possibilidade de chamar a Deus de "Pai" (Rom 8, 15), é claro que somos movidos pelo Espírito Santo quando estas divinas palavras brotam do mais íntimo de nossos corações.

É o dom da piedade que nos dirige ao Pai que está nos Céus e nos faz pedir, como filhos pequeninos, o pão de cada dia. É o dom do

temor que nos leva a suplicar a proteção divina na hora das tentações. É o dom da fortaleza que confia a Deus a libertação de todo mal. Será o dom do conselho que nos dará a conformação de nossa vontade com a do Pai. Pelo dom da ciência teremos consciência do perdão de nossos pecados e conseguiremos a graça de sermos misericordiosos com os que nos ofenderam. O dom da inteligência nos revelará todas as maravilhas do Reino e nos fará desejá-lo com todas as forças da alma. Por fim, o dom supremo, a sabedoria, santificará em nós o santo nome de Deus, fazendo-nos saborear, na contemplação, a face do Pai.

Mas este diálogo que o Espírito Santo suscita em nós na presença do Pai, só se torna possível por uma assimilação de nossa vida com a vida de Jesus. Para podermos rezar o Pai Nosso, deveremos poder dizer, como S. Paulo:

Não sou eu quem vivo. É Cristo quem vive em mim (Gal 2, 20).

E para isto, será necessário todo o despojamento das Bem-aventuranças.

Construindo pacientemente a paz, é que poderemos ser chamados "filhos de Deus", é que poderemos chamá-Lo de Pai. A santificação de seu nome em nós só se fará na medida de nossa pureza de coração, que nos levará a ver a Deus. Só no desprendimento da pobreza evangélica é que poderemos desejar que o seu Reino venha a nós. Como faremos a sua vontade, assim na terra como no céu, sem a mansidão que nos fará possuir a terra? Como pediremos o pão de cada dia, se não formos devorados pela fome e pela sede, fome de Deus e sede de sua justiça? A bem-aventurança da misericórdia, que nos faz obter a misericórdia do Pai, é que nos dará a ousadia de pedir o seu perdão para os nossos pecados. Persegui-

dos e caluniados por amor de seu nome, é que Lhe suplicaremos de não sucumbir na tentação da violência, da vingança ou da fuga. E, quando experimentarmos o calor das lágrimas, é que Lhe pediremos: livra-nos, Senhor, de todo mal.

O Pai Nosso é, portanto, o diálogo perfeito do homem com o Deus Vivo, com o Deus Trindade. O Espírito nos assimila a Jesus Cristo e nos faz penetrar na intimidade do relacionamento que há entre o Pai e o Filho.

A meditação saborosa do Pai Nosso nos introduzirá, cada vez mais, na experiência inesgotável da presença divina e em sua constante revelação:

"Conhecereis o Espírito, porque ele habita convosco e estará em vós. Naquele dia conhecereis que eu estou no Pai e vós em mim e eu em vós. Meu Pai vos amará e viremos a vós e faremos em vós a nossa morada. Em verdade, em verdade eu vos digo: se pedirdes alguma coisa ao Pai em meu nome, Ele vo-lo concederá. Até agora nada pedistes em meu nome. Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa." (Jo 14, 17.20.23; 16, 23-24).



### TRÊS PENSAMENTOS

1.º — Todo aquele que se engaja na luta rumo a um futuro melhor, demonstra que tem fé. 2.º — A oração educa a criatura a respeito de si mesma, do mundo e de Deus. Abre o coração para as exigências do bem. Coloca-o na estrada da esperança. Orienta para o futuro. 3.º — A oração é a expressão mais conatural e mais adequada da fé.



**EDIÇÕES LOYOLA**  
**RUA VERGUEIRO, 165**  
**CAIXA POSTAL, 12 958**  
**SÃO PAULO — SP**

**O PORQUÊ DO SUCESSO**, de Casimiro Irala. Ano, 1971.  
Páginas: 160.

O Padre Casimiro Irala é um jesuíta paraguaio que trabalha no Brasil desde 1966. Pode-se afirmar que, nestes poucos anos, conseguiu ser "sucesso" no campo da música religiosa brasileira. Seus discos e suas canções, gravados no Brasil, no México, no Paraguai e na Espanha, tornaram-no muito conhecido no ambiente religioso cristão.

Na análise, por ele elaborada neste livro, procura as razões e motivos do "sucesso" dentro do inconsciente popular. As suas idéias são uma contribuição à Psicologia, à Sociologia e, sobretudo, à Teologia. A razão de ser desta obra, é a vontade de dar uma visão profundamente humana e teológica do sucesso.

Entrando corajosamente no campo da comunicação, integrando as mais diversas fontes, e, finalmente, sendo uma crítica criativa, este livro realiza os ideais propostos pelo autor: criatividade, integração, comunicação. Profundamente demitizador, seu não profético contra as imagens, agride a tendência, perseverantemente humana, de se instalar e descansar.

Este livro não é trabalho de um teórico, mas sim, a obra de alguém que está continuamente em contato com o povo através de palestras e cursos, testando seus próprios conhecimentos e verificando-os.

# VIDA RELIGIOSA E MISSÃO

*Por ocasião do Encontro da Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Rio de Janeiro, em agosto de 1971, Dom Giocondo Grotti, Bispo Prelado do Acre e Purus, com sede em Rio Branco, Acre, e Primeiro Vice-Presidente da Comissão Episcopal da Regional Norte-I, concedeu esta entrevista ao redator de Convergência. Dom Giocondo Grotti é religioso da Ordem dos Servos de Maria.*

— O senhor poderia fazer uma apresentação do seu trabalho?

Uma primeira coordenada para entender o meu trabalho vem do lugar. Vivo e atuo no Acre, terra de missão, embora, oficialmente, seja negado este status. Em termos de Igreja, há trabalho realizado mas em forma pioneirística e dentro de limitações de número de agentes e de cuidados materiais envolventes que condicionaram altamente o trabalho apostólico não só de meus predecessores mas meu também.

Hoje estamos tentando sair do temporal para nos dedicar mais decididamente à evangelização. Mas, Acre é Acre. Alienar-se, quando se vê o pessoal com fome, sem roupa, sem saúde, não é cristianismo.

---

**Dom Giocondo M. Grotti**  
faleceu no desastre  
aéreo do dia 28/9/71,  
nas proximidades  
de Sena Madureira,  
Estado do Acre.

---

Neste quadro, o que normalmente acontece é que todo missionário é administrador de sacramentos, dispenseiro da palavra de Deus, mas também o fermento de toda a vida do lugar. Como Bispo não fico encastelado em palácio (?), mas arregaço as mangas. Procuro ora incentivar, quando há quem faça; ora fazer, quando não há. Sempre cooperar. É claro, como sacerdote gosto imensamente de exercer o poder da Ordem. Há dias em que exerço quase todos os graus, do ostiariato ao episcopado. Particularmente agradável para mim, o ministério da assistência espiritual: direção, confissão, retiros.

Um passo decidido na prelazia é a ação de conjunto. Ainda um tanto desconjuntada. As distâncias continuam grandes e o abandono ou a assistência são sempre relativos. Mas são ótimas as premissas para um verdadeiro plano de pastoral de conjunto. Não faltam também experiências novas, sobretudo em termos de comunidades de base. É cedo, porém, para uma avaliação.

— Ser missionário hoje, responde a uma busca de realização de ideal para os religiosos jovens?

Acredito que sim, sobretudo se o apostolado missionário fôr organizado e esquematizado dentro de uma dupla coordenação: evangelização e promoção. Vejo nos religiosos de hoje uma série de falhas. Nós também as tínhamos. Mas inegavelmente, hoje os religiosos manifestam uma preocupação que nós não tínhamos. De certa forma, fizemos quase que só assistencialismo, mesmo na parte religiosa e assim geramos um cristianismo fraco e cristãos que não estão em condições de assumir a sua responsabilidade dentro da Igreja. É um cristianismo subdesenvolvido.

Hoje, os religiosos jovens, querem construir uma Igreja autêntica e, lógicamente, não sentem disposição de se enquadrar nas ativi-

dades tradicionais se não forem renovadas e revitalizadas por uma evangelização mais profunda e um engajamento pessoal. É a hora da promoção. Mas os olhos dos consagrados não devem se voltar apenas à esfera do temporal. Devem voltar-se também à esfera do espiritual, pois há realmente um subdesenvolvimento espiritual pavoroso.

Se esta é a hora da promoção, devemos criar as condições para a promoção religiosa também. Esta é a esfera diretamente nossa. Neste ponto de vista acho os jovens mais iluminados do que nós antigos. Admiro neles uma porção de coisas boas, como a dedicação, a disponibilidade, o espírito de sacrifício. Numa palavra, a fé.

— **Ser missionário em ambientes difíceis como os do Norte do Brasil, é um ideal que atrai missionários estrangeiros? Por que?**

O ideal missionário brota do cristianismo vivido. Cristianismo é doação. Doar-se a quem tem, não tem graça. O bom é dar-se a quem precisa. Em terra de missão, precisa-se de tudo. Explica-se, portanto, como as terras de missão atraem sempre.

Ademais, em terra de missão, por muito tempo ainda, terão mais sucesso os genéricos do que os especialistas. E o homem é, por natureza, um genérico. Recebeu de Deus, via de regra, um bocado de dons e não um apenas. O missionário há de sentir, portanto, muito mais

realizado em terra de missão, inclusive porque põe a frutificar tudo o que é e que tem. Na sua terra de origem normalmente não consegue se entrosar mais.

O missionário ficará um pouco abaixo de seus colegas quanto ao desenvolvimento, mas o seu crescimento, em compensação, será mais harmonioso e o seu viver mais humano e livre, pois não terá os condicionamentos da sociedade organizada e desenvolvida onde só através de especialização — que também é uma limitação — se chega a uma afirmação.

— **Vários missionários que trabalhavam com os senhores deixaram a vida religiosa. A que se deve isso?**

É difícil responder, em síntese, a tantos casos que são um capítulo à parte na história da Igreja. Entretanto posso conjecturar, quase certo de não errar muito. Os que nos deixaram, se foram: **Por causa de despreparo**, deles e nosso. E aqui eu bato no peito sempre um "mea culpa" pela parte que me cabe. **Por crises pessoais**, perfeitamente normais, mesmo fora de terra de missão. E outros porque che-

garam à missão **não por madureza de vocação** cristã e apostólica, mas para fugir, adiando problemas.

A seleção e preparo foram sempre capítulos bastante descuidados. Daqueles que nos deixaram muitos vieram curtir sua crise aqui. Não foram crises provocadas in loco, mas apenas estouradas in loco.

— **A falta de vida comunitária e o isolamento são fatais para a sobrevivência da vida religiosa nestas regiões?**

Sem dúvida, a era épica já passou e o isolamento se torna cada dia mais relativo. A meu ver é apenas uma questão pessoal pois vejo

quem reage positivamente ao isolamento e quem reage negativamente. Acredito que se deva chegar a tirar de tudo o isolamento, como

acredito também que se deve compreender que a vida de missão pode exigir também o isolamento. Sempre mais me convenço que se trata de uma questão muito pessoal.

Há isolados no meio de comunidades numerosas e há isolados que vivem intensamente sua vocação comunitária, vibrando intensamente. Sendo que a nossa vida, mesmo a comunitária, deve ser mais baseada em atitudes do

que em atos, acredito que o apostolado não sejam detrimento para a vida religiosa, mesmo quando exigisse o sacrifício de atos comuns. Cabe aos superiores estudar as possibilidades de reduzir os riscos da solidão e estimular a vida religiosa fazendo com que os missionários não se sintam **extravagantes**, mas religiosos **pleno jure** e participantes da vida da congregação.

#### **— Como vê o senhor o futuro da Igreja nestas terras e o futuro da vida religiosa?**

Vejo o futuro de modo otimista, sobretudo se forem levadas a efeito inovações que acho fundamentais na vida missionária da Igreja. A primeira será a comunidade missionária e não mais o missionário.

Uma olhada à Idade Média, quando a Igreja cristianizou os bárbaros, nos convence que até a experiência de comunidade de base não é coisa nova. Eram, e deverão ser no futuro, equipes integradas que avançavam e conquistavam o povo cativando-o e o transformando. Uma equipe integrada por elementos devotados, consagrados ou não, mas verdadeiramente devotados e cheios de espírito, cada um com sua área específica de ação, seria a solução, inclusive para deixar o padre fazer de padre e os demais ministérios da caridade a cargo dos leigos.

Outra novidade que espero um dia ver introduzida na Igreja é a experiência missionária obrigatória para os religiosos e os sacerdotes. Esta experiência — correspondente ao serviço militar para o cidadão — seria feita no início da vida religiosa ou sacerdotal, por um período de dois ou três anos. Ao entrar no noviciado ou na teologia os candidatos saberiam o seu próximo futuro destino.

Será uma forma clara de explicitação do espírito missionário essencial em toda vocação e da co-responsabilidade de toda a Igreja. Aos poucos se comporia um exército de interessados e conhecedores, na retaguarda. Hoje temos apenas curiosos e interessados. Nas primeiras linhas estariam missionários verdadeiramente carismáticos. Aquêles que optassem depois do período inicial para a permanência em terra de missão. Um contingente de forças vivas e jovens estaria sempre à disposição.

Um elemento que acho também vital para a afirmação do espírito e do movimento missionário é o desprendimento das forças vivas locais. Trabalhando com mais lucidez deve-se chegar a imprimir às comunidades novas, uma vitalidade própria, pela qual ela criará formas novas e modos novos de vida e de ministérios. A legislação missionária — hoje praticamente inexistente — deveria não só defender mas estimular esta vitalidade deixando portas abertas para experiências, guiadas e sustentadas por quem de direito.

Neste quadro, é lógico, só posso olhar com otimismo para o futuro da nossa Igreja, embora hoje só descubra tentativas e atividades belas e santas, mas desarticuladas e limitadas.

#### **— Há perspectivas de os missionários estrangeiros serem substituídos por brasileiros ou por padres diocesanos?**

Perspectivas há. Dependem muito dos agentes atuais. Dependem de saberem aproveitar o que se apresenta e o que eles próprios podem criar.

Não devemos acentuar muito a palavra estrangeiro. Em áreas como a nossa, todo brasileiro do Sul é praticamente um estrangeiro. O

Norte é um Brasil diferente. Esta é uma oportunidade boa para envolver a Igreja do Sul e a comprometê-la com a Igreja do Norte, numa ação corresponsável. Pelo Brasil todo, só se fala em Amazônia e não é possível que a Igreja fique por fora. Sei que na área da CNBB há planos de envolvimento e de comprometimento, muito lisonjeiros para nós.

#### **— Qual é a importância dos Religiosos e das Prelazias para a promoção humana local?**

Até há pouco tempo, estando com aquilo que as autoridades civis dizem, por aqui só

havia os missionários e o pouco de válido que existe, está, praticamente, na mão deles.

Hoje, graças a Deus, o país acordou e o poder civil está assumindo a sua responsabilidade. A Amazônia foi como que redescoberta. É lógico que o Governo querendo organizar e dinamizar a área deve olhar para o que existe de válido e, é natural, deve contar conosco. Nós, por outro lado, não dispomos de recursos financeiros à altura e de pessoal suficiente.

Temos apenas um plantel reduzido de gente experiente — não técnica — e cheia de boa vontade, bastante identificada com o meio. Numa ação inteligente e aberta, acredito que a fórmula melhor é a conjugação de esforços e nisto os religiosos e as prelazias têm muito para dar.

### — Quais os trabalhos prioritários?

Em termos de Igreja, o trabalho prioritário é a organização. Nossas forças são poucas e espalhadas. É preciso que saia e, quanto antes, um plano unificador de energias e de intuítos. Nós mal dávamos conta da Amazônia estática de outrora. Hoje, com a Amazônia em termos dinâmicos, estamos completamente desparelhados. Uma pastoral de emergência é indispensável para uma presença eficaz, efetiva e

profética, no quadro da mística da Transamazônica.

Fora da área da Igreja, acredito que se deva dar prioridade absoluta aos problemas humanos. Diretamente humanos. Problemas que afetam o homem em seus direitos fundamentais: direito à saúde, à educação, ao trabalho remunerado etc. Nisto a Igreja tem um campo imenso de ação.

### — Qual a possível participação dos religiosos no desenvolvimento da Transamazônica?

Parece-me ter respondido nas respostas anteriores. Em relação à Transamazônica, entretanto, acredito que os religiosos deverão se organizar e integrar numa pastoral de imigra-

ção. É um fato novo. Olhos abertos não só para a problemática que surge com o desenvolvimento mas também para os futuros pólos de desenvolvimento. De problemas oriundos de desenvolvimento há uma infinidade.

### — O que o senhor espera dos religiosos do Sul do Brasil?

Espero que vivam, com toda intensidade da vida cristã, a hora da Amazônia como todo bom brasileiro. Que marquem, de verdade, a presença da Igreja nestas áreas que se abrem à civilização. Já no passado, os religiosos, ao amanhecer de nossa terra, deram uma demonstração insofismável do quanto sabem e podem fazer, em termos de promoção. Quando Pombal expulsou, com sua política, os missionários, na ilha de Marajó havia mais gado do que hoje.

Congregação. É um general sem exércitos e sem recursos. Os religiosos obedecem aos superiores. E superior aos superiores está o capítulo. O capítulo é sempre realizado fora da missão, com larga participação de quem não é missionário. Tudo o que se refere à missão é tratado fora da missão. Não adianta reconhecer, em tese, os direitos se depois, na prática não se criam as condições para o exercício destes direitos.

Meu prezado Padre Marcos, uma coisa que não pode continuar, porque é uma forma de subdesenvolvimento, é negar, na prática, o direito de decisão à Igreja Missionária e particularmente os que têm o dever de decidir: os Bispos. O Bispo trabalha, por direito, fora da

Aí está o porque da falta de uma legislação missionária. Como seria possível chegar a uma legislação nestas condições? Agora, depois de vinte séculos de cristianismo e com a abertura que se alcançou dentro da Igreja, espero que as coisas mudem. Seja embora para o meu sucessor.



● O mistério da vida e do homem é capaz de ressurgir mesmo a partir dos escombros de sua própria autodestruição. ● O sucesso não é nenhuma categoria evangélica, mas sim a autenticidade da intenção do engajamento.



# IGREJA NO MUNDO

## MINAS E ESPÍRITO SANTO investigam o Ministério Sacerdotal

A Regional Leste-II da CNBB, Minas Gerais e Espírito Santo, realizou um inquérito entre o seu clero, nos primeiros meses de 1970, em preparação ao Sínodo dos Bispos de outubro de 1971. A consulta conscientizou o clero e o fez participar da preparação do Sínodo. Divulgamos alguns aspectos da apuração dos resultados. A Regional tem aproximadamente 1.800 padres. Foram devolvidos devidamente preenchidos 1.061 questionários. Portanto, cerca de 60%. O questionário tinha seis páginas, tamanho ofício, com 46 questões divididas em três partes: **I.** Diversificação dos ministérios. **II.** Melhorias nas condições de vida e ministério dos padres de hoje. **III.** Relacionamento do padre e renovação das estruturas pastorais.

### GRUPOS POR IDADE

25/34 anos	171	16,1%
35/44 anos	323	30,5%
45/54 anos	264	24,9%
55/64 anos	183	17,2%
65 ou mais	075	7,0%
Sem indicação	045	4,3%
<b>Total</b>	<b>1.061</b>	<b>100,0%</b>

### GRUPOS POR LUGAR

Grandes cidades acima de 100.000 hab.	286	27,0%
Cidades entre 100 mil e 20 mil hab.	238	22,3%
Pequenas cidades	208	19,6%
Meio rural	284	26,8%
Sem indicação	045	4,3%
<b>Total</b>	<b>1.061</b>	<b>100,0%</b>

— Visando o bem comum do povo cristão e a maior eficácia da ação pastoral da Igreja, acha que um novo tipo de padre, ao lado do tipo atual é necessário? desejável? útil? prejudicial?

Necessário: 54%. Desejável: 27,5%. Outras respostas favoráveis: 1,6. Inútil: 5,8%. Prejudicial: 6,1%. Não responderam: 5%.

### — Qual o novo tipo de padre?

Poderia ser casado? **SIM**, 65,4%. **NÃO**, 21,4%.  
Poderia exercer uma profissão? Poderia exercer o ministério em tempo parcial? **SIM**, 63,6%. **NÃO**, 22,9%.

Poderia ter uma cultura adequada ao meio e não necessariamente em nível universitário? Escolhido pelo Bispo após consulta à comunidade a que se destina? **SIM**, 71%.

Há forte desejo de um novo tipo de padre. Mas há incerteza e hesitação quanto às suas características específicas. Tal incerteza e hesitação não impedem, todavia, um esforço sério no sentido de uma grande maioria. Ao menos, três entre quatro, desejam este novo tipo de padre.

— Julga útil uma distribuição mais ampla e diversificada das tarefas ministeriais?

**SIM**, 72%. **NÃO**, 4,2%. **INCERTOS**, 23,8%.

### Quais as tarefas específicas mais aceitas?

Leigos animadores de comunidades: 83,7%.  
Dirigentes de culto: 82%. Ministros da Eucaristia: 77%. Diáconos: 62,6% sim e 19,3% não. Ministros do batismo: 59,8% sim e 20,6% não. Religiosas dirigindo paróquias: 41,7% sim e 35,6% não. Religiosas animadoras de paróquias: 72,5% sim.

A urgência dos problemas pastorais convenceu a maioria dos padres, de quase tôdas as idades, quanto à necessidade de multiplicar os agentes pastorais. Esta convicção, entretanto, não passou da teoria à prática. Pouco mais de 50% experimentaram a colaboração dos ministros da Eucaristia e/ou dirigentes de culto e só uma percentagem inferior a 10% experimentou diáconos ou outros ministros.

O inquérito, todavia, permite afirmar que as experiências tentadas foram altamente positivas o que poderá ulteriormente incentivar a diversificação dos ministérios e até oferecer uma base na busca e na preparação de um nôvo tipo de padre tão desejado. Há uma grande abertura e expectativa em relação a um nôvo tipo de padre e a diversificação dos ministérios. Fica implícita, porém, uma interrogação: Por que tanto desejo de mudança? Os padres estão ou não satisfeitos com as condições atuais de seu ministério sacerdotal?

— **O senhor se sente satisfeito e realizado como pessoa?**

Muito: 36,1%. Razoavelmente: 46,6%. Pouco: 9,8%. Muito pouco ou nada: 4,4%. Não responderam: 3,1%.

São dados muito positivos. Apenas 14% se dizem claramente pouco ou nada satisfeitos. Se houvesse uma comparação com outras categorias sociais e profissionais poderia ser muito interessante. Encontraríamos um índice de maior satisfação? As diferenças entre os vários grupos de idade e lugar são pequenas.

**Os motivos da satisfação** foram classificados em quatro categorias principais, a partir de expressões livremente usadas pelos entrevistados:

- I. Motivos de fé e de vocação sacerdotal: 53,4%.
- II. Motivos de doação, serviço e sacrifício: 25,8%.
- III. Motivos de sucesso pessoal e prestígio.
- IV. E motivos de relacionamento, comunhão e amizade: 7,4%.

As respostas por idade revelam o seguinte: a motivação sobrenatural cresce com a idade. Fraca entre os jovens e muito forte entre os mais velhos. Motivações de doação, serviço, comunhão e amizade são fortes nos mais jovens e diminuem com a idade.

**Os motivos de insatisfação** estão assim subdivididos:

1/5 motivos ligados às estruturas atuais da Igreja, leis e autoridades eclesiásticas; 1/5 motivos ligados às condições do ministério, insucesso no trabalho ministerial, dificuldades na vocação; 1/5 motivos de ordem afetiva: celibato; 2/5 se repartem entre solidão, abandono, liberdade, dificuldades econômicas.

— **O senhor se considera equilibrado afetivamente?**

Muito: 17,6%. Razoavelmente: 61,4%. Pouco, 14,4%. Não responderam: 6,6%.

— **Quais as suas maiores aspirações?**

54%: aspirações sobrenaturais, apostólicas, eclesiais. Uma nova imagem da Igreja, mais comunitária, mais evangélica, mais livre, de uma ação pastoral mais conseqüente. Realização plena da vocação sacerdotal, de entrega a Cristo e a Deus.

Aspirações mais humanas e concretas. 8%: estabilidade e independência econômica; 7% casamento; 9% maior equilíbrio pessoal, maior preparação, mais eficiência.

— **Os padres se sentem satisfeitos, realizados ou estão em crise?**

1. O inquérito revela que uma forte maioria dos padres atuais, um pouco mais de 2/3, está muito ou razoavelmente satisfeita dentro das condições do ministério sacerdotal, que viveu até agora e para o qual foi formado; nêle achou realização pessoal, naquela perspectiva de fé, de doação, de sacrifício que caracterizou nos últimos séculos o sacerdócio católico. Este grupo se sente equilibrado afetivamente, embora outros valores de comunhão e de amizade estejam pouco presentes e paire sobre eles a solidão. Mesmo este grupo, na sua grande maioria, quando se volta para o futuro, deseja algo diferente na Igreja, uma nova pastoral, um nôvo tipo de padre, novas condições de exercício do ministério sacerdotal.

2. O inquérito revela ainda um segundo grupo — 15% dos padres atuais — que não encontra mais ou nunca realmente encontrou no ministério sacerdotal, as condições para um equilíbrio efetivo e para uma autêntica realização como pessoa. Este grupo, salvo mudanças radicais, caminha para o abandono violento (ruptura) ou não violento (indiferença) do ministério sacerdotal.

3. Enfim aparece um terceiro grupo, intermediário, incerto, que não se manifesta muito explicitamente. Talvez seja arrastado na direção do primeiro ou segundo grupo, dependendo das mudanças que venham a se realizar. Este grupo abrange 15% de padres, mais ou menos.

— **Julga que o padre, nas condições atuais, tem mais chances ou menos chances do que as outras pessoas ou profissões, para chegar à sua realização humana?**

Mais chances do que os outros: 19,9%. Menos chances: 31,2%. As mesmas chances: 38,7%. Não

responderam: 10,2%. Estes dados indicam claramente que o ministério sacerdotal exige hoje uma séria renúncia.

— **Onde estaria a solução para a falta de vocações sacerdotais?**

1/3: na melhor organização dos seminários e recrutamento vocacional; 40%: na diversificação do ministério sacerdotal; 51%: na melhoria das condições de vida dos padres atuais; 71%: no melhor testemunho por parte dos padres.

— **E as causas da diminuição das vocações sacerdotais?**

50%: nas condições do ministério sacerdotal; 25%: na evolução da sociedade em sentido materialista, hedonista, erotismo, espírito de lucro, secularização; 16%: falta de evangelização e conscientização das comunidades e famílias cristãs; 5%: falha no recrutamento e nos seminários.

Estas respostas confirmam que a maioria dos padres espera uma mudança profunda nas próximas formas de exercício do ministério sacerdotal e não acredita que tudo possa ser resolvido com mais boa vontade e maior organização no recrutamento. Pode-se avançar a hipótese de que esta crise de vocações seja um dos principais impactos que o clero sofreu nos últimos anos e o levou a considerar mais seriamente a hipótese de um novo tipo de padre e de uma ampla renovação do ministério sacerdotal.

— **Quais as mudanças na Igreja e no mundo que mais afetaram a vida e as tarefas do padre, positiva e negativamente?**

**Fatos positivos:** Secularização para 65. Progresso técnico para 9. Mudanças muito rápidas na Igreja: 33. Renovação teológica: 21. Questionamento do sacerdócio: 9. Renovação litúrgica: 105. Valorização da pessoa e da liberdade: 64. Esforço social da Igreja e sua maior presença no mundo: 59. Promoção do laicato e sua aproximação dos padres: 53.

**Fatos negativos:** Secularização para 52. Progresso técnico: 8. Mudanças muito rápidas na Igreja: 31. Renovação teológica: 21. Hedonismo, pansexualismo, supervalorização do dinheiro e do lucro:

49. Questionamento do sacerdócio: 40. Mundanismo e horizontalismo da Igreja: 27.

O inquérito em seu conjunto revela uma forte disposição dos padres para um novo tipo de ação pastoral, mais adequado às circunstâncias e mais comunitário. Mesmo sem poder expor uma palavra final sobre o inquérito, antecipamos resumir estas conclusões a respeito do clero na Regional Leste-II:

**Primeira:** Grande disponibilidade a um novo tipo de ação pastoral, que valorize mais os leigos (70 a 90% dependendo dos setores) e forme comunidades de base (70%), revisando e corrigindo as estruturas paroquiais (ao menos em 43%) e a própria distribuição dos padres.

**Segunda:** Forte disponibilidade (cêrca de 60%) para especialização e atualização pastoral, documentada também pelos esforços já realizados ou em fase de realização por quase metade do clero.

**Terceira:** Bom nível de relacionamento dos padres entre si e com os bispos (70-75% de satisfeitos neste ponto) e notável disponibilidade (apesar de uma formação inadequada ou até contrária) ao trabalho em equipe (42%) e mesma à vida comunitária (35%).

Um ponto que suscita um pouco mais de preocupação é o da vida espiritual, onde o inquérito revelou que as condições oferecidas atualmente para sustentar e dinamizar a vida espiritual são julgadas insuficientes e ruins mesmo, por 27%. Quanto às condições econômicas: ótimas para 33%. Boas e regulares para 36%. Recorreram a trabalhos extraministeriais para se manter: 35%. Menos de 25% vêm na profissionalização um caminho para a sustentação do clero.

Poderíamos concluir dizendo que os resultados do inquérito parecem evidenciar um desejo de transformações importantes no ministério sacerdotal e na ação pastoral da Igreja, transformações julgadas necessárias pelo clero e esperadas com bastante otimismo. O inquérito deixa ainda prever que, se estas transformações não se realizarem, a crise e a frustração de uma parte do clero irá crescer e se ampliar ainda mais, embora hoje seja sofrida pessoal e fortemente apenas por 15%. O Sínodo dos Bispos se reúne numa hora crucial para o ministério sacerdotal na Igreja Católica, mas pode contar, na busca das soluções, com a disponibilidade generosa de quase todos.

**A SEGUIR:**

**O CLERO E OS SEMINÁRIOS  
NA ESPANHA**

## O CLERO E OS SEMINÁRIOS NA ESPANHA (1)

O Concílio Vaticano II marcou uma viragem profunda na marcha da Igreja. Esta mudança de rumo não é um capricho nem, muito menos, uma infidelidade da Igreja à sua trajetória. Mas um ato de profunda consciência de seu ser e de seu gesto de fidelidade a si mesma e à história do mundo a quem deve salvar. A mudança que afetou profundamente a Igreja Universal, se desenvolve de forma variada nas Igrejas Locais. Os grandes roteiros conciliares vão despertando, em cada país, uma nova vitalidade e um desejo nôvo de adaptação.

A Igreja espanhola tem realizado um ingente esforço para prescrutar os sinais dos tempos e perceber os fenômenos da metamorfose social e cultural que afetam a vida religiosa. Para isso, vem procurando conhecer e compreender o mundo em que vivemos, suas esperanças, suas aspirações. O lugar mais sensível por onde a Igreja institucional toca o mundo é o sacerdote. Ele convive com as esperanças, as angústias, as tristezas do mundo em que vive e sente no seu sacerdócio o drama das necessárias adaptações que a Igreja deve fazer para responder às perenes interrogações da humanidade.

A Igreja espanhola realizou uma ampla pesquisa entre o clero diocesano sobre os problemas da vida sacerdotal, em 57 dioceses e 46 seminários. O total nominal de sacerdotes que participaram deste inquérito é de 20.114. O total que, de fato, podia responder: 18.200. As respostas devidamente devolvidas foram 15.449, ou seja, 85%. O número de seminaristas maiores inquiridos foi de 2.723.

O questionário distribuído continha 268 perguntas que coletaram cinco milhões de dados que estão sendo elaborados com os mais modernos métodos de análise estatística e sociológica. Em todas as dioceses foram criados grupos de reflexão e de estudo para interpretá-los à luz do evangelho.

Apresentamos aqui alguns quadros com os resultados de pesquisa. Todas estas informações precisam ser situadas no horizonte de um esforço eclesial para descobrir as opiniões, as esperanças, as aspirações, os problemas do clero da Igreja da Espanha. Não se pode interpretar os resultados aqui apresentados como conclusões, mas devem ser interpretados como dados para uma mais ampla tarefa de estudo, reflexão, análise e interpretação do momento sacerdotal espanhol, cujos principais agentes são os Bispos, os teólogos, os sacerdotes e os seminaristas.

---

Estes dados foram extraídos de **PRO MUNDI VITA**, n.º 37, 1971. Revista internacional de Bruxelas, Bélgica, que aparece seis vezes por ano em cinco línguas: francês, inglês, alemão, holandês e espanhol.

---

### QUADRO n.º 1

Evolução dos alunos nos Seminários Maiores da Espanha desde 1961-1962.

A N O	Número de alunos	Desistências	Interrupções
1961-1962 .....			
1962-1963 .....	8.397	782	
1963-1964 .....	8.350	841	
1964-1965 .....	8.022	888	
1965-1966 .....	7.903	978	
1966-1967 .....	7.689	1.147	
1967-1968 .....	7.114	1.680	471
1968-1969 .....	5.945	1.047	516
1969-1970 .....	4.823	961	504
	3.932	653	412

## QUADRO n.º 2

Problemas a que o Concílio respondeu com satisfação.

	Número	%
Problemas dos homens .....	4.350	28,1
Problemas da Igreja .....	4.269	27,6
Problemas pastorais .....	3.007	19,5
Todos os problemas .....	1.031	6,6
Não opinaram .....	854	5,5
Problemas sociais .....	746	4,8
Problemas doutriniais .....	445	2,8
Problemas dos padres .....	376	2,4
Problemas disciplinares .....	371	2,4
<b>T O T A I S</b> .....	<b>15.449</b>	<b>100</b>

## QUADRO n.º 3

A idade do clero diocesano.

Ano do nascimento	Número	%	Anos em 1971
1904 ou antes .....	1.919	12,4	Mais de 66
1905-1914 .....	2.158	14,0	57-66 anos
1915-1919 .....	820	5,3	52-56 anos
1920-1924 .....	1.056	6,8	47-51 anos
1925-1929 .....	2.480	16,1	42-46 anos
1930-1934 .....	2.710	17,5	37-41 anos
1935-1939 .....	2.088	13,5	32-36 anos
1940-1944 .....	1.779	11,5	27-31 anos
1945 e depois .....	146	1,0	26 anos
Não consta .....	293	1,9	
<b>T O T A I S</b> .....	<b>15.449</b>	<b>100</b>	

## QUADRO n.º 4

Parecer dos alunos sobre a instituição Seminário, em abstrato, prescindindo de sua estruturação atual ou possível no futuro.

	Número	%
Insubstituível e apto para a formação .....	352	12,92
Insubstituível, porém, pouco apto para a formação .....	537	19,72
Não deixa desenvolver a própria personalidade e, portanto, deve ser substituído por outro meio .....	843	30,95
Deforma a personalidade e, portanto, deve ser substituído por outro meio .....	542	19,90
Não têm opinião formada .....	334	12,26
Não responderam .....	115	4,22
<b>T O T A I S</b> .....	<b>2.723</b>	<b>100</b>

### QUADRO n.º 5

Atitude diante da formação científico-cultural recebida no Seminário.

	Número	%
Totalmente favorável .....	104	3,81
Favorável .....	769	28,25
Ligeiramente favorável .....	694	25,49
Ligeiramente desfavorável .....	416	15,27
Desfavorável .....	592	21,75
Totalmente desfavorável .....	134	4,92
Não responderam .....	14	0,51
<b>TOTAIS</b> .....	<b>2.723</b>	<b>100</b>

### QUADRO n.º 6

Atitudes diante das novas idéias teológicas.

	Número	%	menos de 30 anos
Imunizar-se e imunizar os outros .....	2.457	15,9	3,1
Indiferença .....	185	1,2	0,5
Aceitação e divulgação .....	1.821	11,8	16,5
Estudo e reflexão .....	9.194	59,5	75,2
Dar tempo ao tempo .....	1.258	8,1	2,5
Não responderam .....	534	3,5	2,1
<b>TOTAIS</b> .....	<b>15.449</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

### QUADRO n.º 7

Decisão vocacional dos alunos que frequentam os Seminários Maiores da Espanha.

	Número	%
Estão plenamente decididos .....	1.077	39,5
Estão parcialmente decididos .....	710	26,1
Têm muitas dúvidas .....	664	24,4
Estão decididos a abandonar a vocação, porém, com muitas dúvidas .....	101	3,7
Estão decididos a abandonar a vocação sacerdotal, com alguma dúvida, porém .....	113	4,1
Estão plenamente decididos a abandonar a vocação sacerdotal .....	42	1,5
Não responderam .....	16	0,6
<b>TOTAIS</b> .....	<b>2.723</b>	<b>100</b>

### QUADRO n.º 8

Necessidade de um sacerdócio diferente, ao menos, em suas funções, conforme os grupos e ambientes diferentes.

	% geral	% menos de 30
Nenhuma .....	14,8	4,9
Muito pouca .....	4,4	1,9
Pouca .....	8,2	5,5
Bastante .....	27,6	26
Muita .....	25,3	32,4
Muitíssima .....	14,7	26,3

## QUADRO n.º 9

O celibato como opção livre, no clero espanhol.

	% geral	% clero de menos de 30 anos
Totalmente em desacôrdo com a livre opção ...	40	14,4
Em desacôrdo .....	3,5	3,9
Bem de acôrdo .....	3,7	4,3
Simplesmente de acôrdo .....	10	13,1
Muito de acôrdo .....	10,1	14,2
Totalmente de acôrdo .....	27,7	47,3
Não responderam .....	5,6	2,8
<b>TOTAIS</b> .....	100	100

## QUADRO n.º 10

Razões principais manifestadas pelos alunos como causas da própria indecisão vocacional.

	Número	%
Nenhuma, porque estão decididos a ser sacerdotes como a Igreja Hierárquica quer hoje .....	661	24,3
Seus problemas afetivos .....	290	10,7
Seus problemas de castidade .....	178	6,5
Estão convencidos de que como sacerdotes, serão muito pouco úteis .....	68	2,5
Os seculares podem ser melhores apóstolos e melhores cristãos .....	77	2,8
Como sacerdotes não realizarão plenamente sua personalidade humana .....	98	3,6
Não ter experiência nem personalidade para tomar uma decisão tão importante e empenhativa .....	285	10,5
O temor diante de um sacerdócio incerto e obscuro .....	585	21,5
Divergência de critérios com a Igreja Hierárquica a respeito do ministério é da vida sacerdotal .....	335	12,3
Não responderam .....	146	5,0
<b>TOTAIS</b> .....	2.723	100

## QUADRO n.º 11

Opinião dos seminaristas a respeito da obediência na Igreja.

	Número	%
A obediência ao superior deve ser cega .....	53	1,94
A obediência exterior deve ser cega, pode-se, entretanto, dissentir internamente .....	33	1,21
A obediência é necessária para o bem comum da Igreja .....	1.751	64,31
A opinião majoritária deve prevalecer, sempre que não se tratar de verdades reveladas. O superior é apenas o servidor do povo de Deus .....	570	20,94
Têm opinião diferente das precedentes .....	269	9,88
Não responderam .....	47	1,72
<b>TOTAIS</b> .....	2.723	100

QUADRO n.º 12

Atitude dos seminaristas diante das estruturas atuais do clero.

	%
A figura do padre os entusiasma .....	4,1
Aceitam as estruturas porque não são possíveis outras .....	6,9
Aceitam-nas por espírito de obediência .....	15,2
Não as aceitam por estarem desatualizadas .....	14,9
Não as aceitam porque, embora se possa deixar como está hoje institucionalizado o celibato, se deveriam contudo mudar tôdas as demais instituições que tendem a fazer do sacerdote um homem diferente .....	15,2
Não as aceitam porque acham que o sacerdote deveria se realizar também no matrimônio .....	33,5
Não as aceitam porque são um freio para uma mais rápida acomodação do evangelho .....	0,9
Não as aceitam porque impedem que o sacerdote se realize como cristão e como homem .....	2,3
Não as aceitam por outras razões .....	1,6
Não contestam ou não têm opinião formada .....	4,4
<b>TOTAIS</b> .....	100

QUADRO n.º 13

Opiniões dos alunos a respeito da espiritualidade recebida no Seminário.

	Número	%
Recebem uma espiritualidade excessivamente encarnada na realidade humana .....	38	1,3
Uma espiritualidade adequadamente encarnada .....	846	31,1
Uma espiritualidade não excessivamente desencarnada da realidade .....	760	27,9
Uma espiritualidade excessivamente desencarnada gerando uma falsa vida espiritual .....	801	29,6
Não sabem .....	198	7,2
Não responderam .....	80	2,9
<b>TOTAIS</b> .....	2.723	100

QUADRO n.º 14

Motivos que justificam a oração pessoal.

	Número	% geral	% de menos de 30 anos
Seu valor superior .....	3.533	22,8	29,6
Razão monástica da meditação .....	480	3,1	3,4
A verdadeira oração é espontânea .....	2.672	17,3	19,4
Os métodos clássicos não satisfazem .....	628	4,2	5,1
Não há razão válida que justifique .....	5.174	33,5	26,7
As ocupações impedem a oração .....	1.479	9,6	8,9
Quando não se reza bem é preferível desistir .....	97	0,6	0,6
Não responderam .....	1.386	8,9	6,3
<b>TOTAIS</b> .....	15.449	100	100

## QUADRO n.º 15

Opinião do clero sôbre as atuais reivindicações como exigência pastoral e cristã do sacerdote.

São exigência pastoral e cristã?	Número	% geral	% em menos de 30 anos
Não. Nada .....	2.436	15,8	7,5
Muito pouco .....	1.086	7,0	4,6
Pouco .....	1.443	9,3	10,7
Bastante .....	4.083	26,4	25,3
Muito .....	2.867	18,6	24,2
Muitíssimo. Totalmente .....	2.019	13,1	22,9
Não responderam .....	1.515	9,8	4,9
<b>TOTAIS .....</b>	<b>15.449</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Através de todos êstes quadros, que representam uma serena confissão de quase todos os seminaristas e presbíteros da Espanha, se revela uma verdadeira convulsão dentro do clero espanhol. É um sinal de mudança dos tempos.

O quadro monolítico das idéias teológicas e morais que tanta segurança dava às respostas das interrogações levantadas em outros tempos, mudou-se quando foi exposto à ação dos ventos de direções diferentes. Foi o Concílio que abriu as janelas. E o Concílio é obra do Espírito, embora na Espanha alguns continuem fechados à sua influência. Numerosos se sentem frustrados porque prefeririam uma destruição total a simples janelas abertas.

O homem é êle mesmo e a circunstância que vive. Neste processo de mudança muitos se sentem inseguros de sua identidade sacerdotal. A maior parte dos seminaristas que se sentiriam com vocação para o ministério numa Igreja futura, hoje não sabem se realmente têm ou não vocação.

O **status** do clero mudou-se. O trabalho, o matrimônio, o compromisso temporal foram realizados cristãmente, na teoria e na prática. O sacerdote não pode ser um isolado. A vocação ao ministério não há de supor paralelamente uma vocação de alienação pessoal do matrimônio, do trabalho temporal, da construção do mundo de baixo para cima. A vida do padre não pode ser desencarnada nem separada da simplicidade primeira do evangelho.

O clero espanhol — seminaristas e sacerdotes — vive imerso no contexto de uma sociedade recentemente convulsionada, depois de muitos anos de total isolamento. As mudanças que se estão produzindo e as que se prevêem, são do porte de abalar as estruturas sócio-religiosas que haviam delimitado a figura do sacerdote. A renovação iniciada pelo Concílio Vaticano II é um fato irreversível. Solicita, com força, as estruturas sócio-políticas a que estêve vinculado fortemente o **status** clerical espanhol.

Neste contexto de mudança certa sensação de desânimo se apodera cada dia mais de um setor importante do clero que projeta sua desilusão sôbre os seminaristas e os leigos mais comprometidos. Mas um grupo de sacerdotes jovens e de seminaristas, põem suas esperanças num estilo nôvo de alguns — hoje já numerosos — bispos pós-conciliares que se esforçam por testemunhar uma Igreja menos jurídica, mais carismática, mais pobre, mais missionária, mais livre e mais liberada da vinculação com o poder dêste mundo.

Êstes quadros mostram a radiografia de uma Igreja em marcha. As atitudes e as opiniões dos seminaristas e dos sacerdotes constituem uma interpelação urgente e angustiosa à vocação essencialmente dinâmica e missionária da Igreja num esforço nôvo de encarnação no **aqui e agora** da história da Espanha.

**KAVI, O POETA**  
**RABINDRANATH TAGORE (1861-1941)**

Eu adorei o círculo esplêndido  
que encerra o rosto do mundo.  
Em volta dêle envolvi  
as obras da minha mão,  
as grisalhas, tristes cinzas  
e o ouro das auroras infinitas  
passaram sôbre minha alma  
e depois céleres desapareceram.

**E n f i m ,**  
minha vida se identifica com a terra,  
com o mar e com o céu,  
com a lua e com o sol.

**A s s i m ,**  
a vida realizou a conquista da minha alma,  
pois eu adorei o círculo esplêndido  
que encerra o rosto do mundo.

**E u b e b i**  
o mel do ilimitado  
na taça do Lótus eterno.  
**P a s s a n d o ,**  
através do túnel do sofrimento,  
encontrei o caminho escondido da felicidade.

**E v i**  
réstias de luz atravessarem  
o silencioso deserto da noite.

**M o r t e ,**  
recuso que tu me digas  
que nada mais sou  
que uma grande pilhéria de Deus,  
que eu sou o nada surgido  
de tôdas as riquezas do infinito.

**E n c h e**  
teus olhos dos matizes que brincam  
sôbre o rio do belo  
e vai querer captá-los . . .  
É uma arvorada que persegues com teus desejos.  
É uma música que faz vibrar as cordas de tua vida.  
O vinho de que se embriagam os deuses  
não tem forma,  
nem pêso.

Ele está nas fontes borbulhantes  
nas árvores em flor,  
no sorriso que se esboça no canto de um olho sombrio.  
Saboreia-o livremente.

# A ORAÇÃO NO MUNDO SECULAR

Editôra Vozes Ltda. Caixa Postal, 23 — Petrópolis, RJ

Como rezar no mundo secular?  
Possui a oração ainda um sentido?  
Ou é apenas o último resquício  
da era sacral e religiosa  
definitivamente passada?

Os autores:

Frei Leonardo Boff,  
Frei Ademar Spindeldreier,  
Frei Hermógenes Harada  
analisam as causas objetivas  
e subjetivas que motivaram a crise  
atual de oração e meditação.  
Não convidam para a fuga do presente.  
Aceitam o desafio e convocam  
a explorar as fôrças positivas  
encerradas na crise e que podem  
levar a rezar de forma  
profunda, autêntica e nova.

# oferatório da vida

**S**e nada tens a oferecer ao Senhor,  
apresenta tuas dores, tua fadiga apenas.  
Quanto custou, a tanta gente,  
Este pedaço de pão, colocado na patena!  
Se tens as mãos vazias, a bôca amarga e sêca,  
Oferece o coração machucado, meu amigo.  
Para que o vinho espumasse neste cálice  
Foi preciso pisar a uva e moer o grão de trigo.  
Se nada tens de ti, mais que amargura e pecado,  
O cansaço de viver e a angústia que te oprimem,  
Que tuas mãos elevem para os céus  
estas míseras coisas,  
Pois o Amor, de antemão, as colheu na Ceia.  
E se nem fôrças tens para ofertar e implorar,  
Se em ti tudo é abandono e solidão tremenda,  
Silenciosamente aceita — e é quanto basta —  
Que um Outro te receba. Valerá por ti.  
E sejam um só o ofertante e a oferenda.

Daniel Rops